

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

PEDRO MUSSKOPF KUNZLER

**ABERTURA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO:
Um Estudo Comparativo entre Coreia do Sul e Chile.**

PORTO ALEGRE

2013

PEDRO MUSSKOPF KUNZLER

**ABERTURA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO:
Um Estudo Comparativo entre Coreia do Sul e Chile.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em economia, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Milan

PORTO ALEGRE

2013

PEDRO MUSSKOPF KUNZLER

**ABERTURA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO:
Um Estudo Comparativo entre Coreia do Sul e Chile.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em economia, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Milan

Aprovado em: Porto Alegre, 25 de novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Milan - Orientador

UFRGS

Prof. Dr. Hélio Afonso de Aguiar Filho

Prof. Dr. Ronaldo Herrlein Jr

PORTO ALEGRE

2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer à minha família que sempre esteve tão presente em todas as fases de minha vida. Agradeço aos meus pais, por todo o amor e apoio que sempre me foi dado, tenho absoluta certeza que é ponto central para todas as minhas conquistas.

Em um segundo momento, devo agradecer aos meus grandes amigos, que estiveram sempre presentes e são minha segunda família.

Ao meu orientador, que me ajudou muito ao longo do trabalho com seu amplo conhecimento, trazendo importantes sugestões e correções para o estudo. Agradeço pela dedicação e por me manter calmo ao longo do trabalho.

A todos os professores e funcionários da UFRGS que proporcionaram um excelente ambiente para que pudesse me desenvolver.

Por último, quero agradecer à Yassmeen, que ao longo do curso me apoiou e cobrou, quando necessário, para estudar e sempre dar o meu melhor.

RESUMO

A pesquisa a seguir apresenta uma comparação entre a abertura comercial sul coreana e chilena. Os períodos em análise levam em consideração trinta anos de relativamente rápido crescimento das duas economias. No caso sul coreano a ênfase é dada ao período de 1960 até 1990, e no caso chileno de 1970 até 2000, com vinte anos de sobreposição. O trabalho coloca em destaque as diferentes abordagens utilizadas pelos países para suas respectivas aberturas comerciais e o fato de o setor exportador passar a desempenhar um papel central de dinamismo nas duas economias. O trabalho mostra como a Coreia do Sul utilizou medidas protecionistas para abrir seu mercado gradativamente para a exportação de produtos manufaturados e o Chile utilizou medidas liberais para a exportação de produtos primários. Posteriormente à apresentação das aberturas comerciais das duas nações é feita uma comparação que aponta os principais resultados obtidos pelas mesmas.

Palavras-chave: Chile. Coreia do Sul. Abertura Comercial. Protecionismo. Liberalismo.

ABSTRACT

The following paper presents a comparison between the South Korean and the Chilean openness to international trade. The periods under consideration take into account thirty years of relatively rapid growth of the two economies. In the South Korean case, emphasis is given to the period ranging from 1960 to 1990, and in the case of Chile from 1970 to 2000. So, we have twenty years overlapping. The paper puts emphasis on the different approaches used by the two countries to carry out their respective trade openings, and on the fact that the export sector played a key role for the economy's dynamism in both economies. The paper shows how South Korea adopted protectionist measures to gradually open its economy in order to export manufactured goods, and how Chile introduced liberal measures for exporting primary goods. After the presentation of the commercial openings of the two nations, a comparison is made to highlight the main results obtained by them.

Keywords: Chile. South Korea. Trade Opening. Protectionism. Liberalism.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População total e população urbana sul coreana.....	17
Gráfico 2 - Doações recebidas como % do PIB na Coreia do Sul.....	19
Gráfico 3 - Indústria/PIB na Coreia do Sul	20
Gráfico 4 - Evolução do comércio internacional e PIB na Coreia do Sul	24
Gráfico 5 - População total e rural no Chile	31
Gráfico 6 - Evolução do comércio internacional e PIB no Chile	36
Gráfico 7 - Investimento Estrangeiro Direto como parte do PIB	45
Gráfico 8 - Comparativo da taxa de investimento, como percentual do PIB, entre Coreia do Sul e Chile	46
Gráfico 9 - Anos de estudo de homens com mais de 25 anos	47
Gráfico 10 - Evolução das exportações e do PIB sul coreano.....	49
Gráfico 11 - Evolução das exportações e do PIB chileno	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comportamento da inflação, PIB e Déficit, 1940 – 1973 no Chile	33
Tabela 2 - Importância do Cobre nas exportações chilenas	38
Tabela 3 - Pauta exportadora Chile e Coreia do Sul em 2012.....	43

SUMÁRIO

1 Introdução	10
2 Coreia do Sul.....	14
2.1 Contexto Histórico	14
2.2 O Período de Rápido Crescimento.....	18
3 Chile.....	28
3.1 Contexto Histórico	29
3.2 O Período de Rápido Crescimento.....	34
4 Comparação entre o período de rápido crescimento sul coreano e chileno	42
5 Conclusão	52
Referências.....	525

1 Introdução

O trabalho tem como questão a investigar quais são as melhores políticas de comércio internacional a serem adotadas a fim de garantir o crescimento econômico de uma economia. O enfoque é dado para economias de países relativamente pequenos. São expostos o caso de uma economia que adotou políticas neoliberais¹ de abertura econômica, baseando-se na exportação de produtos primários (Chile) e o caso de um país que utilizou medidas protecionistas para abrir seu mercado gradativamente para a exportação de produtos manufaturados (Coreia do Sul). São investigados os determinantes do desempenho macroeconômico de cada caso e quais as outras medidas tomadas paralelamente que permitiram o crescimento econômico.

Para o caso da Coreia do Sul, o principal período a ser estudado se situa entre os anos de 1960-1990, em que a Coreia do Sul defendeu sua economia interna com muitas medidas protecionistas, fomentou fortemente a indústria local e gradativamente diminuiu as barreiras protecionistas. Hoje a Coreia do Sul está entre as 10 economias com maior volume de comércio internacional, sendo a 7ª maior exportadora mundial e a 9ª maior importadora, (OMC, 2013). O trabalho procura explicar quais e de que forma as medidas protecionistas transformaram a Coreia de um país pobre em um país rico, com uma indústria manufatureira altamente qualificada.

Para o caso do Chile, o principal período a ser estudado se situa entre os anos de 1970 e 2000. O Chile, com a chegada de Pinochet ao governo, aumentou rapidamente o grau de abertura de sua economia, privatizou estatais, diminuiu barreiras tarifárias e não tarifárias ao comércio exterior e buscou novos parceiros internacionais para o comércio. O Chile passou por um movimento de crescimento instável durante a década de 1970, quando as políticas liberais foram aplicadas e causaram um choque na economia (a média de crescimento real do total do Produto Interno Bruto (PIB) foi de 3,08% a.a). Já da década de 1980 adiante o ajuste

¹ De acordo com o autor Ha- Joon Chang (2008, p. 51) a adoção de um comércio livre é o fator central do Neoliberalismo: “A crença na virtude do comércio livre é tão central para a ortodoxia neoliberal que é ela que efetivamente define os economistas neoliberais. Você pode questionar (até rejeitar) outros pontos da agenda neoliberal – abertura de mercado de capitais, patentes ou até privatizações - e ainda ser um neoliberal.” (tradução nossa). Cabe notar que é difícil definir e delimitar uma forma pura de neoliberalismo, como se verá neste trabalho.

causado na economia passou a registrar resultados bastante positivos, quando a média do crescimento foi de 6,5% a.a, entre 1983 e 2000, de acordo com dados do Banco Mundial. (DATA..., 2013n).

É importante destacar que ambos os países têm um espaço físico relativamente pequeno e uma reduzida população, o que aumenta a importância do comércio internacional em suas economias. Procura-se sugerir ao longo do trabalho que a escolha da Coreia do Sul em se especializar na indústria manufatureira intensiva em tecnologia garantiu-lhe um rápido crescimento econômico. Assim como o grande enfoque chileno para a indústria extrativista e exportadora de *commodities* lhe garantiu o crescimento devido às vantagens comparativas. Finalmente, pretende-se fazer uma comparação entre as aberturas econômicas realizadas pelos dois países e identificar quais os acertos e erros realizados por ambas as economias.

O objetivo do trabalho é o de entender como tanto uma política econômica de comércio externo mais liberal, baseada em produtos primários, quanto uma política econômica de comércio externo administrado, baseada em produtos industrializados, pode gerar rápido crescimento econômico, quando aliados a uma série de outras medidas. O trabalho tem foco particular no aspecto fiscal de ambos os países, no direcionamento de recursos governamentais, no planejamento econômico e na proteção à indústria.

A principal hipótese do trabalho é que a decisão chilena de abrir seu mercado e a decisão sul coreana de fechar o seu para uma posterior abertura, aliado com suas distintas políticas industriais, trouxeram bons resultados dado o contexto em que ambas as nações estavam inseridas. O Chile pela grande quantidade de reservas naturais, posição geográfica e pelo histórico de exportação do nitrato, especializou-se na exportação do cobre com grande abertura comercial para conseguir parceiros comerciais. Já a Coreia do Sul, pela colonização japonesa e uma reduzida dotação de recursos naturais, especializou-se na indústria manufatureira intensiva em tecnologia. Porém, para se tornar um importante agente na economia mundial teve de defender sua indústria com medidas protecionistas quando ainda se encontrava na base da curva de aprendizado².

Para chegar aos objetivos traçados, o trabalho efetua uma revisão da literatura sobre as economias chilena e sul coreana e sobre a importância do comércio internacional. A literatura

² A curva do aprendizado mede a evolução do aprendizado e a redução dos custos unitários conforme o aumento da produção dos agentes com o passar do tempo. As duas variáveis são correlacionadas diretamente, onde o aumento produtivo gera um aumento do aprendizado.

utilizada serve de base para a compreensão da evolução econômica andina e sul coreana. O trabalho enfoca o papel que o comércio internacional das economias sul coreana e chilena tiveram em seus respectivos crescimentos. Para tanto, índices de crescimento e dados da balança comercial servirão para ilustrar a importância do comércio externo nos respectivos estágios de desenvolvimento.

O estudo sobre a adoção de diferentes políticas econômicas derivadas de diferentes ideologias por economias nacionais é um tema de muita importância. No trabalho pretende-se argumentar que a política industrial sul coreana com viés exportador de manufaturados, assim como a liberal chilena com viés à exportação de bens primários, apresentavam-se de forma mais viável devido ao contexto histórico de ambas as economias. Do lado sul coreano o protecionismo ao setor industrial infante foi o catalisador para uma taxa de crescimento média do PIB de 8% entre os anos 1962 e 1989. Já a política econômica chilena optou por uma ampla abertura de seu mercado baseada principalmente na exportação de cobre, o que levou sua economia a um crescimento médio de 7,1% entre os anos 1984 e 1997. A discussão sobre qual o melhor caminho a ser trilhado por economias em busca do crescimento econômico é um tema que é, e sempre foi de grande relevância.

O trabalho está distribuído em três capítulos. No primeiro capítulo é apresentado um breve histórico da economia da Coreia do Sul. Primeiramente é apresentado o contexto histórico que a Coreia se inseria no início do século XX, com a colonização japonesa. Posteriormente discorre-se sobre o principal período do estudo, que é o do governo (ditatorial) de Park Chung-hee (1961-1979). Neste período a Coreia do sul já não mais era colônia japonesa e apresentava em sua economia fortes influências tanto nipônicas quanto norte-americanas, devido ao domínio dos EUA durante o período da Guerra Fria. No governo Park uma série de medidas foi tomada de forma a proteger a indústria sul coreana e orientar a produção para o mercado externo, através das exportações de grandes grupos apoiados pelo governo. A Coreia do Sul sofreu uma profunda transformação em sua economia durante o período, com a renda per capita e os anos de estudo aumentando significativamente.

O segundo Capítulo é dedicado à economia chilena. Inicialmente é apresentado o contexto histórico do Chile durante o período de Substituição de Importações, que se instalou na América do Sul a partir da grande Depressão dos anos 1930. Posteriormente, analisam-se as mudanças ocorridas a partir da década de 1970, com o governo (ditatorial) de Pinochet. No período, medidas liberais tomaram forma e o comércio internacional aumentou

significativamente no país. Com um setor exportador de *commodities* bastante fortalecido por taxas de câmbio competitivas e vantagens comparativas, a economia chilena experimentou um período de forte crescimento econômico a partir de 1982. O Chile ganhou destaque quando foi apontado pelo Banco Mundial e Pelo FMI na década de 1990 como um modelo a ser seguido pelos outros países sul-americanos³.

O terceiro capítulo realiza uma comparação entre a abertura econômica chilena e a sul coreana. Neste capítulo são comparados dados referentes não só a abertura econômica, mas também às possíveis causas e consequências da mesma. A conclusão finaliza o trabalho.

³ Cabe destacar que México e Argentina também foram apontados como “modelos” de crescimento ao longo deste período, porém hoje o Chile ainda é apontado como principal “modelo” Sul Americano na adoção de políticas neoliberais. Como se argumentará a seguir, as opções viáveis que se apresentam aos países, em termos de políticas de desenvolvimento, dependem do contexto histórico.

2 Coreia do Sul

A Coreia do Sul é hoje um “modelo” de rápido crescimento baseado em sua indústria manufatureira de alta tecnologia. Sua economia é liderada por grandes conglomerados, conhecidos como *chaebols*. Porém, se hoje a Coreia do Sul é um país desenvolvido, é preciso entender quais e como as transformações ocorridas no passado a transformaram de um país pobre para a 15ª maior economia do mundo, sendo atualmente um dos líderes de ponta na produção de eletrônicos, automóveis e navios.

Isto foi possível em função de fortes medidas de proteção à sua indústria infante, com altas tarifas à importação de bens de consumo, proteção cambial, direcionamento de crédito barato, metas de exportação e subsídios. Segundo Chang (2002), a proteção à indústria infante com o uso de mecanismos como tarifas e câmbio é imprescindível para o desenvolvimento industrial de um país. Após um período onde a indústria se desenvolve e absorve conhecimento e know-how, os mecanismos de proteção podem ser retirados gradativamente para alguns setores, que então passam a focar suas vendas ao mercado externo.

Com as divisas entrantes, resultado destas exportações, bens de capital devem ser adquiridos para a contínua evolução da indústria. Gradativamente os mecanismos protecionistas perdem peso, ao passo que a indústria nacional torna-se mais competitiva. O sucesso econômico sul coreano tem como base o desenvolvimento de sua indústria manufatureira, uma vez que os recursos naturais disponíveis em seu território geográfico são virtualmente nulos⁴ (ZHANG, 2003).

2.1 Contexto Histórico

A adoção deste tipo de política foi baseada no “modelo” bem sucedido Japonês, que durante os anos 60 foi visto como uma evolução do capitalismo (KRUGMAN, 2008). O Japão experimentou durante os anos de 1953 a 1965 um crescimento anual do PIB de mais de 9%, o

⁴ Os recursos naturais na Coreia do Sul, ainda que postos como “virtualmente nulos” pelo autor, são existentes, porém não apresentam base para um dinâmico setor exportador.

que fez muitos economistas ocidentais o considerarem uma evolução do capitalismo devido ao papel do Estado, que parecia direcionar a produção e centralizar a gestão de crescimento do país. De acordo com o autor: “O crescimento econômico era parcialmente canalizado por estratégias do Estado, tais como empréstimos bancários e licenças de importação cedidas a indústrias e firmas favorecidas” (2008, p. 59, tradução nossa).

Pela proximidade geográfica, política e cultural, a industrialização Japonesa serviu de “modelo” para a evolução da indústria da Coreia do Sul, Taiwan e Singapura (formando os assim chamados NIC’s: newly industrialized countries ou NPI: novos países industrializados) e posteriormente na Malásia, Indonésia e Tailândia (formando os assim chamados NEC’s: newly exporting countries ou NPE: novos países exportadores). De acordo com Yumei Zhang (2003) os países do norte do leste asiático (NPI) se desenvolveram anteriormente devido à similaridade cultural com o Japão, onde o confucionismo é popular. O confucionismo tem como principais pilares o trabalho e o respeito à hierarquia, tanto familiar como governamental. O autor afirma que o confucionismo ajudou a legitimar governos autoritários devido à grande importância dada à hierarquia.

A proximidade com o Japão se deve não só ao compartilhamento de características culturais, mas também ao fato de que em 1910 a Coreia ter sido anexada ao domínio japonês. Após anos de pressão, o Japão estabeleceu um protetorado sobre a Coreia.. Segundo Pike, neste período tomou forma um dos processos de repressão cultural mais brutais do século XIX: “Apenas a língua japonesa era ensinada nas escolas; aulas, que não literatura básica, foram abolidas; arquivos e tesouros coreanos foram queimados, em uma tentativa de apagar a cultura coreana” (1990, p. 193). Neste período muitos fazendeiros tiveram de abandonar suas terras, enquanto outros tinham de suprir as demandas japonesas; e muitos negócios coreanos foram entregues a oficiais japoneses, (MILLER, 2010).

Após um período de fortes protestos por parte da população coreana em março de 1919, o poder nipônico aumentou a liberdade de expressão dos coreanos. Temendo um confronto de maiores proporções, os japoneses passaram a aumentar o investimento em educação, estradas e prédios públicos, (MILLER, 2010). O domínio japonês na Coreia entre 1910 e 1945 possui episódios de grande hostilidade ao povo coreano. Durante a II Guerra Mundial (1939-45), milhares de coreanos foram incorporados ao exército japonês e tinham de trabalhar em condições escravas, enquanto milhares de mulheres coreanas foram escravizadas sexualmente.

A colonização japonesa na Coreia, porém, teve efeitos positivos sobre a economia coreana, criando importantes bases para o crescimento econômico na região (METRAUX, 1990). De acordo com o autor, o governo japonês no período colonial (1910 a 1945) teve um papel muito importante sobre a sociedade coreana, desenvolvendo uma vasta infraestrutura com estradas, portos, ferrovias e sistema elétrico.

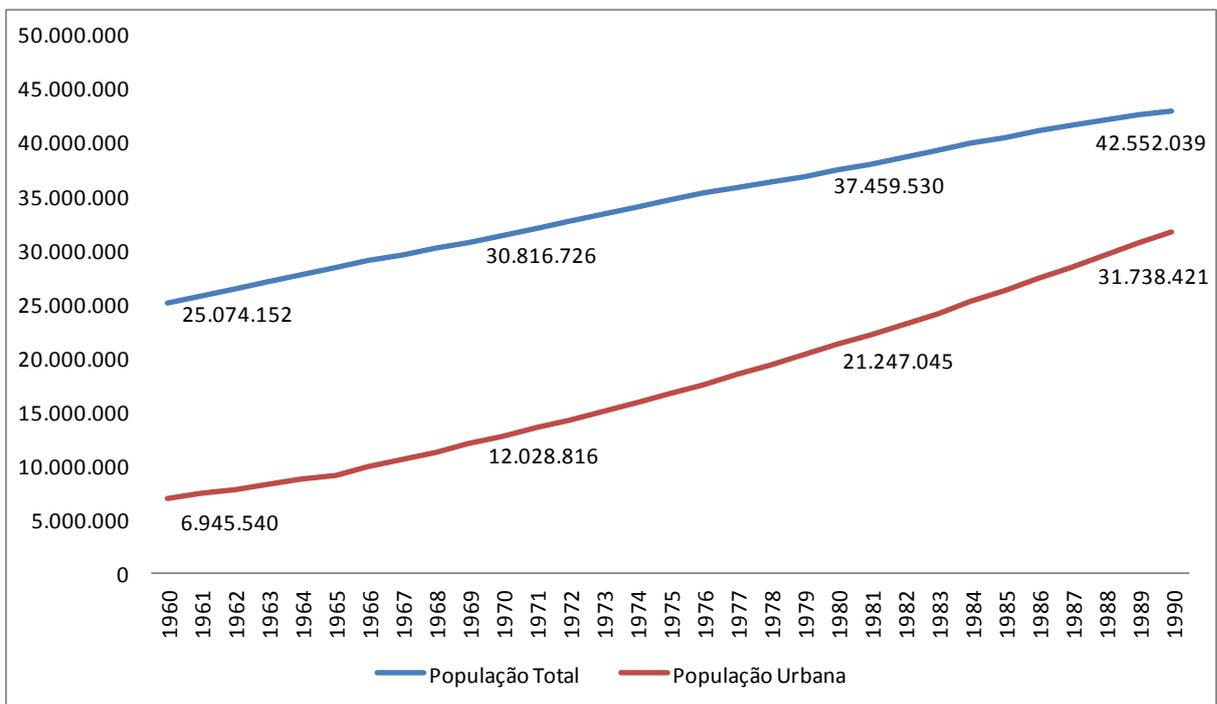
Ainda segundo o autor, existem sinais convergentes muito claros entre a política adotada no Japão durante a dinastia Meiji (1862-1912) e entre as diretrizes políticas na Coreia entre 1910 e 1945, tais como: a implementação de um forte sistema educacional e o aumento da taxa de alfabetização; a criação de um sistema de gestão política na indústria nacional de “cima para baixo”, com a criação de metas e benefícios a setores considerados estratégicos; um sistema político altamente vinculado ao poder militar e a aproximação do governo ao setor produtivo. É claro que as medidas tomadas à época visavam a um maior benefício japonês, no status de colonizador. Porém, heranças foram deixadas e se refletiram em importantes peças para o futuro desenvolvimento da economia sul coreana.

É importante destacar que a Coreia era vista pelos japoneses como uma colônia industrial durante o período de domínio. Como integrante da “Esfera de Co-prosperidade da Grande Ásia Oriental”, conceito cunhado pelo governo japonês para representar um bloco de países asiáticos representados e liderados pelo Japão e livres do domínio ocidental (GORDON, 2000), criaram-se na Coreia condições favoráveis à industrialização. Com o fim da anexação coreana ao Japão ao final da Segunda Guerra Mundial, o início do domínio norte-americano no sul e a tensão do conflito ideológico entre o sul e o norte, instaurou-se na Coreia do Sul um período de grande instabilidade política nas décadas de 1940 e 1950.

Durante o período da colonização japonesa podia se observar um movimento migratório da área rural para os centros urbanos. Muitos coreanos migraram a fim de trabalhar nas indústrias que vinham ganhando aumento na participação do PIB coreano. Indústrias estas que tinham inicialmente o foco principal no enriquecimento e suprimento da demanda do império japonês, que travava guerras na China e no Leste Asiático para expandir seu domínio (COLUMBIA UNIVERSITY, 2012). Este movimento acentuou-se de forma profunda entre as décadas de 1960 e 1980, com a nova política de industrialização direcionada às exportações defendida pelo Governo Park, como podemos ver no gráfico abaixo. De acordo com dados do Banco Mundial, a população presente em centros urbanos no ano de 1960 era de 6,9 milhões (28% da população coreana na época). Já no ano de 1980 a população urbana era de 21,2

milhões (57% da população coreana na época). A proporção de trabalhadores presentes nas indústrias saltou de 8,9% para 22,6% neste mesmo período (SEEKINS, 1990).

Gráfico 1 - População total e população urbana sul coreana



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial. (DATA..., 2013l,o).

Em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e com a derrota japonesa, o domínio nipônico na Coreia teve fim. Porém, um novo domínio se instaurou: ao norte o domínio soviético e comunista, e ao sul o domínio norte americano e capitalista. Criou-se, portanto, no cenário de Guerra Fria a configuração coreana vigente até hoje: a divisão entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. A divisão feita no paralelo 38° foi realizada em agosto de 1945. Embora o sul tenha ficado com uma área menor, a maioria de suas terras eram férteis e forneciam a maioria dos produtos agrícolas da península coreana. Além disto, o sul abrigava mais de 20 milhões de pessoas, mais que o dobro presente no norte. Já no norte o terreno montanhoso abrigava a maioria das indústrias e mineradoras estabelecidas durante o domínio japonês (PIKE, 2012). A fronteira territorial e ideológica traçada no paralelo 38° levou à guerra das Coreias entre 1950 e 1953. Durante a guerra, pelo menos 2,5 milhões de pessoas

morreram, segundo a Enciclopedia Britannica. A divisão permanece até hoje e a discrepância entre a economia dos dois países é substancial.

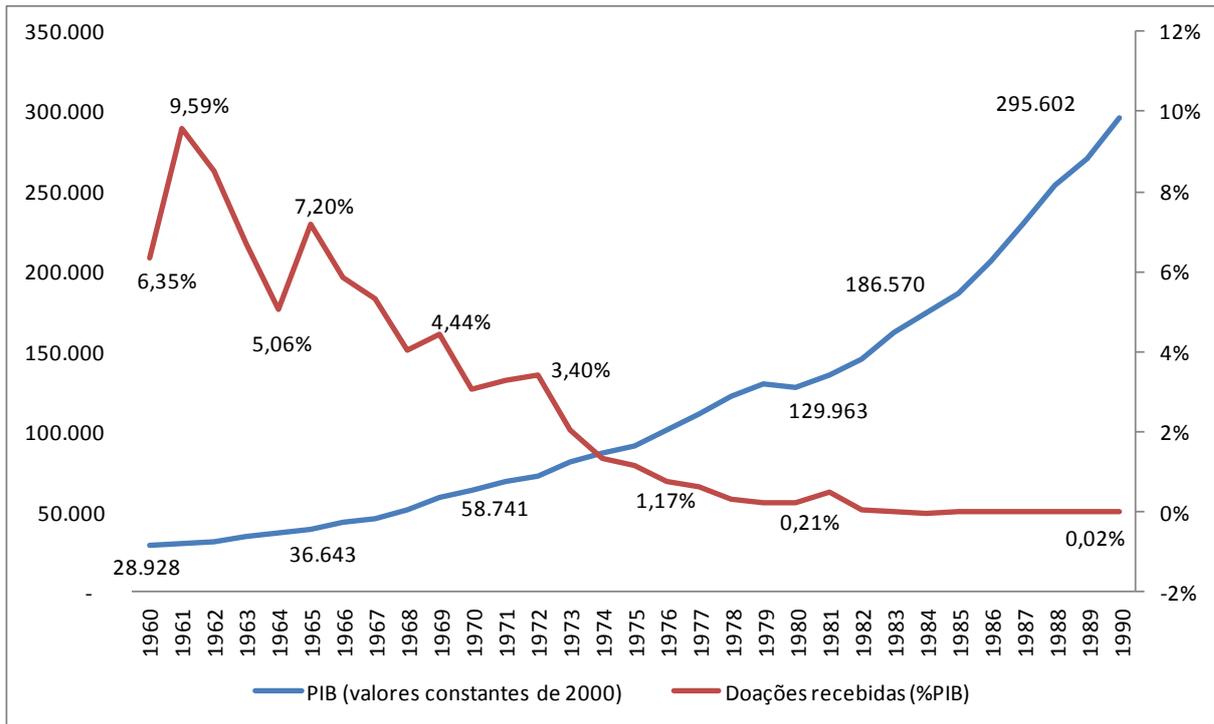
Neste período ocorreram na Coreia do Sul importantes mudanças devido à alteração do centro de poder político japonês para o norte-americano, em particular a importante reforma agrária que tomou forma entre o período de 1945 e 1950, liderado conjuntamente pelas autoridades norte-americanas e sul coreanas. Grandes propriedades pertencentes a pessoas e empresas japonesas foram expropriadas e redistribuídas a agricultores sul coreanos. Até mesmo os grandes proprietários sul coreanos tiveram suas terras tomadas para a reforma agrária que ocorria no país (SEEKINS, 1990). Com isto uma nova classe rural familiar foi criada, o que melhorou a distribuição de renda.

2.2 O Período de Rápido Crescimento

Foi entre o período de 1960 a 1990 que a Coreia do Sul vivenciou seu rápido crescimento econômico. Em 1960 ocorreu o golpe de Estado liderado pelo general Park Chung-hee, que governou o país entre 1961 e 1979. Ao general é creditado um importante papel no crescimento econômico sul coreano, principalmente devido à sua política econômica de industrialização voltada para a exportação. Durante o período de 1960 a 1980 o governo selecionou alguns setores exportadores considerados estratégicos e os protegeu com tarifas e subsídios.

A política creditícia foi um importante mecanismo para fortalecer setores considerados estratégicos da economia sul coreana. Cabe destacar a canalização de recursos aos grandes conglomerados – *chaebols* – criados na década de 1950 (originados no governo anterior de Rhee). Todos os bancos pertenciam ao governo, o que facilitou uma grande canalização de crédito barato a estes setores exportadores (CHANG, 2008). Além disto, a presença de um sólido sistema escolar e a presença de volumes financeiros elevados vindos de doações norte-americanas, observadas no gráfico abaixo, podem ter dado a sustentação necessária para o crescimento econômico ocorrido na Coreia do Sul.

Gráfico 2 - Doações recebidas como % do PIB na Coreia do Sul



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial (Valores do PIB em milhões de dólares, constantes de 2000), (DATA..., 2013a,n).

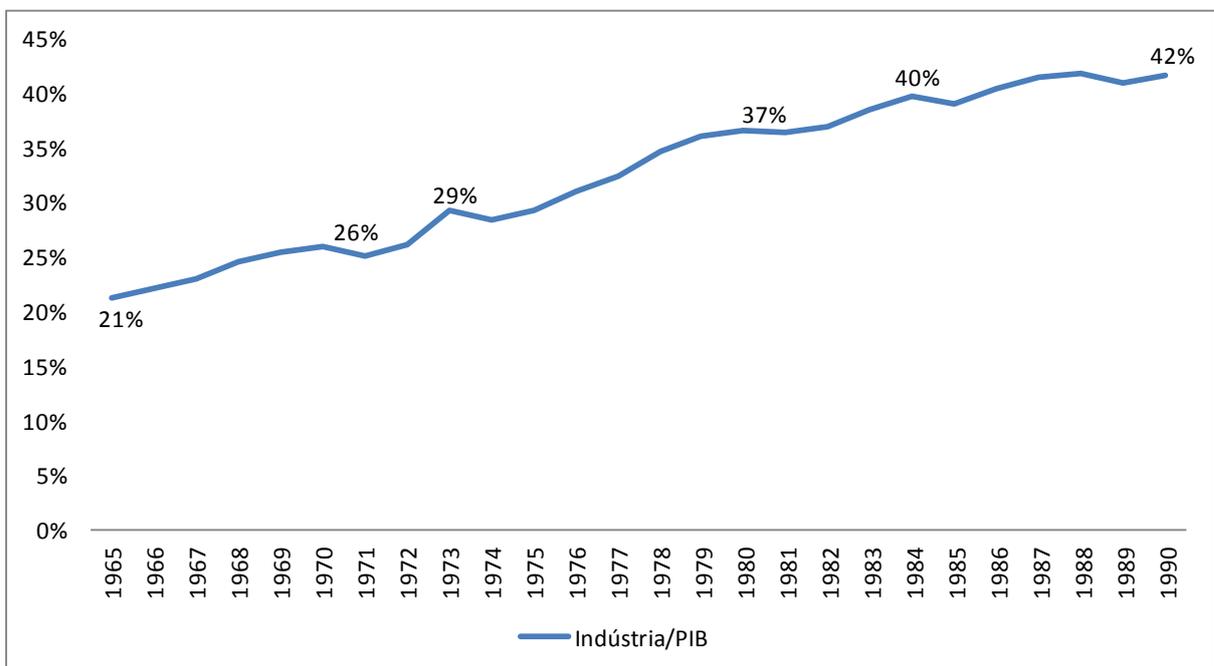
Em valores absolutos o volume recebido de doações pela Coreia do Sul ficou em torno de 1,5 bilhões de dólares anuais durante a década de 1960 (a preços constantes de 2010). Estas doações eram majoritariamente vindas dos Estados Unidos da América e foram essenciais para a recuperação sul coreana após a Guerra das Coreias, similarmente ao ocorrido com países europeus durante o Plano Marshall⁵. De acordo com Pike (1990, p. 183, tradução nossa), “As doações libertaram a Coreia do Sul do fardo de altas dívidas internacionais durante a fase inicial do crescimento e possibilitou ao governo a alocação de crédito às metas planejadas”. A partir da segunda metade da década de 1970 as doações diminuíram consideravelmente até serem extintas em 1984, uma vez que as reformas feitas no governo Park já demonstravam excelentes resultados.

⁵ O plano Marshall visava a recuperação das economias europeias, através de doações norte americanas, principalmente para prevenir a propagação de ideias comunistas, estimular o comércio internacional e aumentar o mercado consumidor dos produtos norte-americanos, (GIMBEL, 1976).

O governo também possuía um controle total sobre o câmbio e as divisas entrantes como resultado das exportações. Estas divisas eram canalizadas prioritariamente à compra de bens de capital para a evolução da indústria. O foco dos recursos e da política para o objetivo final de uma indústria desenvolvida era tão grande que o desrespeito ao câmbio estipulado pelo governo poderia ser punido com a pena de morte (CHANG, 2008).

Uma vez que a península coreana tem uma reserva de recursos naturais incapaz de gerar excedentes para um dinâmico setor exportador, a participação da indústria no desenvolvimento e geração de renda no país é de grande importância. O protecionismo dado à indústria sul coreana neste período forneceu as condições para grandes empresas surgirem e se consolidarem no mercado internacional. Aliado ao regime autoritário do país, que estipulava o maior número de horas trabalhadas no mundo, 60 horas semanais sendo a norma (ZHANG, 2003), a Coreia do Sul viu a importância de sua indústria crescer de 21% do PIB em 1965, para 37% em 1980 e para 42% em 1990.

Gráfico 3 - Indústria/PIB na Coreia do Sul



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial. (DATA..., 2013f).

O aumento da importância relativa da indústria para o PIB sul coreano passa diretamente pela evolução técnica da produção, que possuía cada vez mais tecnologia. Esta

evolução qualitativa da indústria foi possível por dois principais fatores: a canalização de recursos para setores estratégicos, orquestrada pelo governo coreano, e o elevado investimento realizado na educação, também realizado pelo governo, (CHANG, 2008).

Com relação à canalização de recursos para investimentos, é possível observar que, durante a década de 1960, os grandes conglomerados aumentaram significativamente sua importância na economia sul coreana. Estes grandes grupos, os *chaebols*, tiveram sua origem durante o governo de Syngman Rhee (1948-60). Primeiramente de origem familiar, os *chaebols* desenvolveram-se em grandes grupos empresariais através de favores especiais do governo em troca de comissões e outros pagamentos (METRAUX, 1990). Apesar de terem se originado durante o governo de Syngman Rhee, foi no governo de seu sucessor Park que eles tiveram o maior crescimento, (METRAUX, 1990). Isto se deu devido à ênfase que a política industrial recebeu no governo Park. A atuação junto aos *chaebols* era a forma mais rápida e concisa de intervir na política industrial sul coreana.

A Park é creditado o direcionamento exportador da economia, como apontado anteriormente. Porém, o crescimento do setor exportador só foi possível com a canalização de recursos baratos aos *chaebols* já estabelecidos na Coreia do Sul. Com uma clara política de capitalismo guiado pelo Estado, como o apresentado no Japão nos anos 1960, o governo Park direcionava recursos de empréstimos vindos do exterior, principalmente Japão e Estados Unidos, para estes grandes conglomerados. Os empréstimos eram segurados pelo governo sul coreano, que exerceria o pagamento no caso da empresa não cumprir com suas obrigações, (METRAUX, 1990).

Estes benefícios aos grandes grupos sul coreanos não eram dados “de graça” pelo governo. Como contrapartida, era exigido o cumprimento de metas de exportação. Criou-se desta forma um cenário de empresas “campeãs” que chegavam a maiores níveis de eficiência e podiam competir no mercado internacional. Estes grandes grupos, ao final dos anos 1980, concentravam um enorme poder econômico na Coreia do Sul, com os quatro maiores *chaebols* representando dois terços do PIB de Seul. Em 1987 o Grupo Samsung obteve receitas na ordem de USD 24 bilhões; o Grupo Hyundai USD 22,7 bilhões; o Grupo Lucky-GoldStar USD 18 bilhões e o Grupo Daewoo USD 16 bilhões (METRAUX, 1990).

Esta enorme importância dos grandes conglomerados, com o auxílio governamental, se refletiu em um aumento das exportações sul coreanas durante o governo de Park. Devemos observar que o capital canalizado pelo governo impunha metas de resultado e a cobrança pela

continua aprimoração e inovação da produção. Desde a ascensão de Park Chung-hee, de 1961 até o final de seu governo em 1979, pode-se notar claramente a importância do planejamento como instrumento de avanço industrial. Para tanto, Planos Industriais com a duração de cinco anos sinalizavam para onde a produção sul coreana deveria caminhar, através dos benefícios governamentais oferecidos, (METRAUX, 1990).

De acordo com Metraux (1990, p. 144, tradução nossa):

O primeiro Plano de Cinco Anos de Desenvolvimento (1962-1966) consistia nos primeiros passos para a criação de uma indústria autossuficiente que não teria a orientação para o consumo final e não seria altamente dependente de petróleo. O setor elétrico, de fertilização, refino de petróleo, fibras sintéticas e de cimento foram enfatizadas.

Desta forma o Governo Park sinalizava que desenvolveria primeiro a base da indústria, onde a mão de obra era abundante e a tecnologia necessária era acessível.

O segundo plano (1967-1971), segundo Metraux (1990, p. 144) “preocupou-se em modernizar a estrutura industrial e rapidamente criar indústrias para a substituição de importações, como: indústrias de aço, maquinário e química”. Neste segundo plano nota-se que o foco do governo já era mais ambicioso, focando nas indústrias pesadas que serviriam de base para o próximo plano.

O terceiro plano (1972-1976) dava um enfoque maior para a indústria exportadora. A Coreia do Sul, já em melhores condições econômicas, resultado do primeiro e do segundo plano, viu seu PIB saltar de USD 30,3 bilhões para USD 68,9 bilhões de 1961 para 1971, crescimento de 127% em 10 anos, (em valores constantes de 2000), (DATA...,2013n). Já com uma indústria de base sólida, o enfoque deste novo plano foi a indústria pesada: ferro, aço, transporte, eletrodomésticos, petróleo e navios. Foram dados benefícios fiscais para a instalação de fabricas ao sul da península coreana, para desta forma desenvolver outras regiões e aumentar a renda fora da capital Seul (METRAUX, 1990).

O quarto plano (1977-1981) visava a inserção de indústrias de tecnologia intensiva e mão de obra altamente qualificada no cenário internacional. Os setores de maquinário pesado, químico e naval foram os mais beneficiados durante o quarto plano. Segundo Metraux (1990,

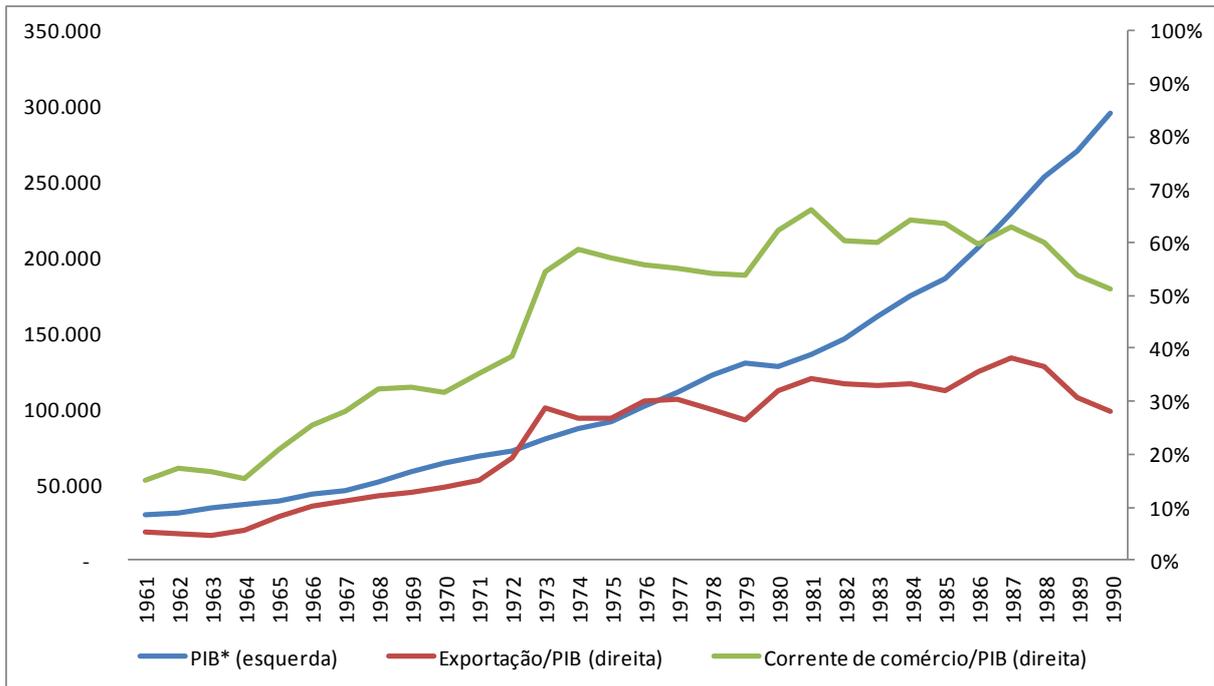
p. 144) “Como resultado, a indústria pesada e a química cresceram impressionantes 51,8% no ano de 1981, e suas exportações alcançaram 45,3% de sua produção total”.

O quinto plano (1982-1986) mudou a ênfase estabelecida pelos planos anteriores, da indústria pesada para a indústria de tecnologia intensiva. Produtores de eletrodomésticos (televisores, vídeo cassetes e semicondutores) foram os mais beneficiados (METRAUX, 1990).

O sexto plano (1987-1991) mantinha as mesmas bases do plano anterior, enfatizando o mercado de bens de consumo final, intensivos em tecnologia, que era um setor em franca expansão no mercado mundial. Foi apenas ao longo do sexto plano que o governo teve como grande meta a redução de barreiras e tarifas às importações (METRAUX, 1990). A maior abertura à entrada de produtos estrangeiros visava o controle da inflação e a manutenção de altos níveis de eficiência das empresas sul coreanas para manterem-se no mercado internacional.

Podemos verificar que o aumento da liberalização às importações vem em um momento onde a Coreia do Sul já havia protegido sua indústria infante por décadas, a ponto de deixá-la internacionalmente competitiva. Os *chaebols*, que receberam ao longo do governo Park um grande número de estímulos e proteções, viram ao longo da década de 1990 estes benefícios serem gradativamente retirados, pelo simples motivo que eles não eram mais necessários à sobrevivência da indústria sul coreana. Como resultado destes planos a indústria sul coreana desenvolveu-se voltada para o comércio internacional.

Gráfico 4 - Evolução do comércio internacional e PIB na Coreia do Sul



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial (Valores do PIB em milhões de dólares, constantes de 2000), (DATA..., 2013n,b,j).

Podemos observar no gráfico acima que a importância das exportações salta de 5,3% do PIB em 1961 para 13,6% em 1970 e 32,1% em 1980. A corrente de comércio (que é a soma das exportações e importações) passa de 15,1% do PIB em 1961 para 31,7% em 1970 e 62,4% em 1980. Neste mesmo período o PIB sul coreano passou de USD 30,4 bi em 1960 para USD 63,6 bi em 1970 e USD 128 bi em 1980. Parece existir um alto nível de correlação entre o crescimento do comércio internacional e o crescimento do PIB entre as décadas de 1960 e 1970. A partir da segunda metade de 1970 as exportações e a corrente de comércio parecem se estabilizar na faixa dos 30% do PIB e 60% do PIB, respectivamente. A partir da segunda metade da década de 1980, quando o crescimento mundial estava encolhido, a Coreia do Sul viu o seu índice de comércio cair de 63,6% do PIB em 1985 para 51,1% em 1990. O PIB continuou a crescer a altas taxas, uma vez que a economia local estava muito aquecida e a demanda por automóveis em especial estava em alta, (METRAUX, 1990).

Conjuntamente ao direcionamento dado à indústria pelo governo, que ao longo dos planos foi especializando a produção cada vez mais em setores intensivos em tecnologia, desenvolveu-se na Coreia do Sul uma força de trabalho jovem altamente qualificada. Assim como na maioria dos países confucionistas da região asiática, o investimento educacional

sempre foi uma prioridade na península coreana. Com o domínio japonês em 1910 o direcionamento educacional foi bastante básico, onde a prioridade era a criação de uma força de trabalho obediente com habilidades técnicas bastante limitadas, (SEEKINS, 1990).

. O sistema educacional sul coreano atual divide a educação entre educação primária (seis anos de duração), educação secundária (seis anos de duração) e educação superior (quatro anos de duração). A adesão à educação primária e secundária é obrigatória e financiada pelo Estado (PILLAY, 2010). O currículo é bastante rígido e o método de ensino é baseado no estímulo aos alunos em decorar grandes quantidades de matéria, e não em desenvolver linhas de raciocínio.

Ao fim da II Guerra Mundial, quando a Coreia do Sul se liberou do domínio japonês, havia somente uma universidade pública federal no país. Entre 1951-53 criaram-se outras sete e a atenção dada à educação aumentou, tendo como guia a criação de uma qualificada mão de obra. Entre 1963 e 2005 o gasto do governo com educação aumentou em mais de 29 vezes em termos reais. A fatia do orçamento governamental destinada à educação passou de 15% em 1960 para mais de 20% nos anos 2000, (PILLAY, 2010).

O sistema educacional era altamente centrado no poder governamental, que administrava a maioria das escolas e universidades e decidia qual o currículo a ser dado em aula. Com isto as diretrizes dadas à educação estavam fortemente ligadas à política industrial adotada pelo governo. Durante os anos 1980, quando a prioridade industrial foi deslocada da indústria de base para a indústria de bens de consumo intensivos em tecnologia, o investimento na formação de engenheiros sul coreanos aumentou consideravelmente (PILLAY, 2010).

Ao fim dos anos 40 e durante a década de 1950 o principal foco do sistema educacional sul coreano foi o estabelecimento de uma infraestrutura educacional e a expansão da educação primária e secundária. Na década de 1960 o foco foi o aumento do número de alunos matriculados e a criação de mais escolas. Nos anos 1970 o investimento foi direcionado à educação vocacional, para a qualificação de técnicos habilitados a trabalharem nas indústrias pesada e química, (PILLAY, 2010).

A população sul coreana aumentou significativamente o seu grau de instrução entre 1960 e 2000. Com uma grande ênfase no desenvolvimento de profissionais das áreas de exatas, principalmente engenheiros, a Coreia do Sul tem hoje a maior taxa de participação de

peessoas cursando o terceiro grau no mundo, (PILLAY, 2010). Este aumento da educação qualificou o trabalho para a indústria e para o desenvolvimento de produtos mais complexos

Hoje, o governo é responsável por quase 100% da educação primária sul coreana, com a participação privada ganhando importância em níveis escolares subsequentes. O investimento público na educação primária é de 98,7%, para o ensino médio inferior 77,3%, para o ensino médio superior 55,8% e para universidades 15,6%; como apontam Kim e Rhee (2007), citados por Pillay (2010, p. 4).

Outro importante fator que devemos levar em consideração para o rápido crescimento econômico que tomou forma na Coreia do Sul, entre 1960 e 1990, é o cenário internacional da época. Entre 1945 e 1989 se desenvolveu o período da Guerra Fria, e a península coreana sentiu de perto a disputa pela hegemonia ideológica da época. O capitalismo sul coreano se desenvolveu em um período de grande aceleração da liberalização do comércio internacional dos países capitalistas, a se destacar os Estados Unidos, que deram à Coreia do Sul acesso privilegiado aos seus mercados.

Concluindo, a Coreia do Sul é hoje a 15^a maior economia do mundo. Isto foi possível porque desde o início do século XX a Coreia do Sul já era um país com enfoque industrial, devido à reduzida reserva de recursos naturais. Com o fim do domínio nipônico e a divisão das duas Coreias, a Coreia do Sul foi influenciada pelos Estados Unidos e por seu capitalismo. Com um aumento bastante elevado nas taxas de investimento para a educação combinados com o enfoque à industrialização planejada voltada para a exportação, a Coreia do Sul vivenciou uma rápida expansão econômica, onde a renda per capita saltou de U\$ 1.130 em 1960 para U\$ 4.330 em 1980 e para U\$ 26.200 em 2012, (DATA..., 2013d).

A evolução industrial se deu através da proteção do governo à indústria infante, ao planejamento e ao protecionismo à produção nacional. A partir dos anos 80, as barreiras protecionistas passaram a ser retiradas e a Coreia do Sul passou a ser uma grande exportadora de tecnologia. A partir dos anos 1980 os países da costa Pacífica da Ásia se tornaram os maiores parceiros comerciais dos Estados Unidos, ultrapassando os países da Europa Ocidental. Graças ao protecionismo inicial dado à indústria sul coreana, com a abertura a taxa de exportações/PIB cresceu de 4,9% em 1962 para 52% em 2010 – período não coberto pelo gráfico, (DATA..., 2013b). A Coreia do Sul foi a sétima maior exportadora do mundo em 2011, com 3,0% da fatia de exportações mundiais e a nona maior importadora, com uma fatia de 2,9% das importações mundiais, (OMC, 2013).

Hoje a Coreia ainda tem mecanismos de proteção à sua indústria, mas o grau de proteção é inferior ao que prevaleceu durante as décadas de 60 a 80. Portanto, atualmente a indústria coreana possui uma alta taxa de eficiência, que lhe garante alta competitividade internacional. Porém, isto só ocorreu devido ao alto protecionismo dado à sua indústria quando ela ainda estava na base da curva de aprendizado (CHANG, 2008).

3 Chile

Ao contrário da Coreia do Sul, que teve seu crescimento devido ao protecionismo e à alta importância dada à indústria nacional, o Chile optou por outra linha político ideológica. O Chile é considerado por diversos economistas, tais como Dominique Hachete, Paul Krugman e Andrés Velasco um dos maiores exemplos de sucesso na adoção de políticas neoliberais. A partir da metade da década de 1980 o Chile experimentou altas taxas de crescimento e teve uma rápida recuperação da crise do México de 1982 devido à remoção de suas barreiras comerciais, antes impostas no período de Substituição de Importações, como será exposto em seguida. Durante a década de 1980 e 1990, foi apontado como um modelo a ser seguido pelos outros países latino-americanos pelo FMI e pelo Banco Mundial.

Assim como a maioria dos países em desenvolvimento, especialmente os sul americanos, o Chile passou as décadas de 1930, 1940 e 1950 com diretrizes econômicas voltadas à substituição de importações, ao protecionismo e ao fomento à indústria doméstica. Este movimento se acelerou após a Grande Depressão dos anos 30, quando os países em desenvolvimento, voltados para a exportação de produtos primários, viram-se extremamente vulneráveis às oscilações do mercado internacional. Porém, após anos de baixo crescimento econômico, com um programa de substituição de importações ineficiente e um mercado consumidor doméstico reduzido, um novo direcionamento liberal tomou forma, nos anos 1970, e moldou a economia chilena nas décadas posteriores, (EDWARDS; EDWARDS, 1994).

O Chile, a partir do golpe de Estado em 1973, que pôs Augusto Pinochet no poder de 1973 a 1989, passou a exercer medidas de abertura econômica. Entre 1974-79 uma série de medidas liberais foi posta em prática, dentre elas: unificação do câmbio (até então diferentes produtos tinham diferentes taxas); eliminação de proibição às importações; redução de barreiras tarifárias e não tarifárias; padronização de impostos às importações em 10% do seu valor (HACHETTE, 1991).

Esta abertura comercial realizada nos anos 70 teve diversas consequências na economia chilena, como: aumento de exportações e importância do setor exportador; diversas privatizações de estatais para aumento de eficiência (à exceção do setor de extração de cobre) e aumento da desigualdade na renda da população. O período estudado da economia chilena

leva em conta principalmente as décadas de 1970 a 2000, onde o Chile experimentou fases bastante distintas de expansão e contração econômica.

3.1 Contexto Histórico

O Chile teve sua independência em 1810 e experimentou um rápido crescimento até a I Guerra Mundial. Na época sua economia era fortemente pautada na exportação de nitrato. Porém, com a descoberta de substitutos durante a I Guerra Mundial, a indústria do nitrato sofreu um forte choque (MALDONADO, 2012). O foco da pauta exportadora foi então alterado e o Chile viu o cobre ganhar grande importância em suas exportações.

O Chile, assim como a maioria de seus vizinhos latino americanos, também incorreu de um período de forte protecionismo após a Grande Depressão, aderindo ao movimento de substituição de importações. De acordo com Claudio Sapelli, no início dos anos 1950, duas opções apresentaram-se claramente aos países em desenvolvimento e particularmente aos pequenos: “ou a intensificação de um modelo desenvolvimentista focado ao mercado doméstico, que segundo seus defensores, protegeria o país de choques externos; ou um modelo exportador baseado na intensificação e diversificação das exportações” (SAPELLI, 2003, p. 8, tradução nossa).

O Chile, assim como seus vizinhos que já tinham começado o processo de substituição de importações durante a década de 1930, optou pela primeira opção. Assim durante as próximas décadas, sob o constante *lobby* do setor industrial, barreiras protecionistas foram mantidas e fortalecidas pelo governo. Na primeira fase do programa de substituição de importações, o setor de produção de bens de consumo foi o mais beneficiado, uma vez que o capital inicial para a produção não representava uma barreira intransponível aos empreendedores chilenos e as barreiras tarifárias e não tarifárias lhes davam grande vantagem frente aos bens importados. Com isto a participação de mercado das importações de bens de consumo foi logo reduzida e a demanda chilena por estes produtos passou a ser atendida pela produção doméstica, (EDWARDS; EDWARDS, 1994).

Esta proteção à indústria chilena apresentou resultados bastante positivos em sua primeira fase, principalmente entre as décadas de 1930 e 1940, quando o incentivo à indústria

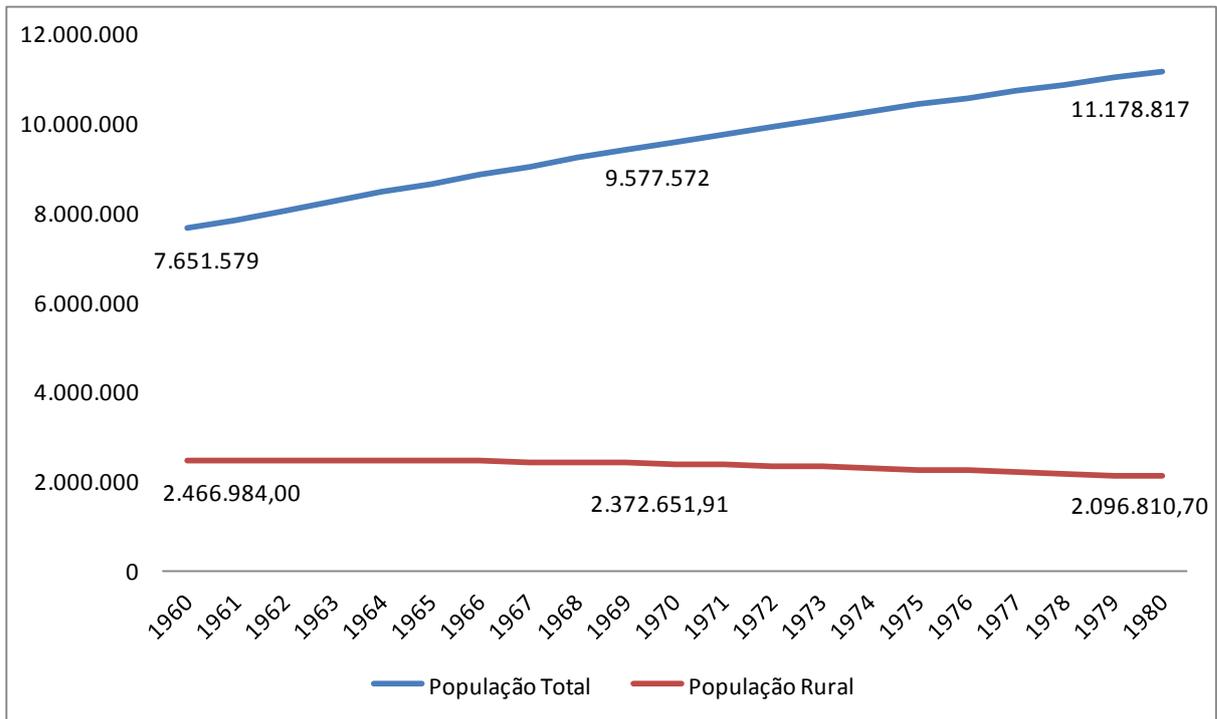
doméstica fez o produto industrial crescer 7% a.a entre 1937 e 1950, além de promover um crescimento econômico de 3,5% a.a entre 1937-45 e 3,9% a.a entre 1946-52 (VELASCO, 1994). Isto foi possível porque a base do produto industrial, anterior às medidas protecionistas, era muito pequena, o que fez estes números naturalmente crescerem rapidamente em valores relativos⁶.

Já a segunda fase do programa de substituição de importações foi um passo mais difícil para a economia chilena. Com o setor de bens de consumo já atendido pela produção doméstica, a indústria local poderia crescer atendendo o próximo nível produtivo: de bens duráveis e bens de capital. Para tanto, um alto nível de investimento seria necessário, o que se daria através de crédito para a importação de bens de capital que possibilitariam a renovação do maquinário necessário à indústria. Este crédito, porém, não se encontrava disponível, especialmente porque o Chile não possuía divisas suficientes para a importação destes bens, uma vez que seu setor exportador não lhe garantia a entrada de divisas necessárias, (VELASCO, 1994). Diferentemente da Coreia do Sul que recebeu um volume elevado de doações que propiciaram investimentos, as doações recebidas pelo Chile foram pequenas entre 1970 e 2000, sendo a média de 0,24% do PIB a.a, (DATA..., 2013a)

Desta forma, o programa passou a encontrar problemas durante a década de 50 devido à falta de crédito para a evolução da produção e devido ao setor industrial de bens de consumo ter chegado ao limite do consumo doméstico. É importante salientar que esta barreira era imposta pela pequena população chilena e por parte dela se localizar em áreas rurais, como podemos ver no gráfico abaixo.

⁶ O fenômeno, de rápido crescimento devido ao denominador ser baixo, não se observa posteriormente com a abertura econômica, onde as exportações, a corrente do comércio e o PIB tem um alto crescimento.

Gráfico 5 - População total e rural no Chile



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial. (DATA..., 2013l,o).

O setor produtor de bens de consumo se desenvolveu devido às barreiras protecionistas impostas pelo governo. Sem a criação de um plano de metas que exigisse maiores níveis de eficiência produtiva, como na Coreia do Sul, os preços internos não eram competitivos frente aos praticados no mercado internacional. A indústria de transformação chilena ficou restrita ao mercado doméstico, o que se apresentou como uma barreira ao crescimento econômico do país.

Aliado a isto, um grave problema passou a apresentar-se não somente no Chile, mas a muitos países da América do Sul: a inflação. Uma vez que o Chile optou por fortalecer sua indústria através de barreiras tarifárias, não tarifárias e cambiais, criou-se em um primeiro momento uma indústria mais forte. Porém, uma vez que as barreiras mantiveram-se por um tempo prolongado criou-se no Chile, ao contrário do que aconteceu na Coreia do Sul, uma indústria ineficiente que não via necessidade de aumento da eficiência, pois tinha a seu favor uma taxa cambial favorável e inúmeras barreiras quantitativas e qualitativas às importações, (EDWARDS; EDWARDS, 1994).

O resultado disto foi um aumento no nível dos preços. Como o custo da produção chilena não tinha de concorrer com os preços praticados no comércio internacional, naturalmente a indústria chilena apresentou baixos níveis de eficiência e até mesmo uma produção quantitativa insatisfatória para a demanda doméstica. A forma de corrigir isto era um aumento nos preços que elevava a taxa de inflação e retirava poder de compra do povo chileno, (EDWARDS; EDWARDS, 1994).

Com isto em vista, o governo chileno na década de 1960, fez do controle da inflação sua mais importante meta. Primeiramente, Jorge Alessandri Rodríguez (1958-1964) procurou controlar a alta dos preços com uma redução das tarifas às importações, congelamento dos salários públicos e redução do déficit primário. O déficit primário chileno era historicamente financiado através de monetização, que se refletia no aumento da base monetária, e era outra das principais causas do aumento dos preços, juntamente à inflação de demanda causada pela baixa oferta de certos produtos, especialmente de consumo final, (EDWARDS; EDWARDS, 1994).

As medidas apresentaram bons resultados entre 1960-61, quando a inflação caiu e as taxas de crescimento econômico aumentaram. Porém, em 1962 a alta inflação instaura-se novamente devido a uma crise cambial (MALDONADO, 2012). É importante destacar que ocorreu no Chile de 1960 o maior terremoto já registrado, com 9,5 pontos na escala Richter, o que levou à criação de planos de reconstrução que movimentaram a economia local.

Ao fim do governo de Alessandri, assumiu Eduardo Frei (1964-1970), que teve também no combate a inflação uma de suas principais metas. O governo Frei preocupou-se também em diminuir a pobreza extrema chilena e uma série de medidas foram tomadas para tanto, como: aumento nas taxas de matrícula escolares em 46%, 250.000 casas populares construídas e aumento da participação dos salários no PIB de 42% ao fim do governo Alessandri para 51% ao fim do governo Frei, (ANGEL, 1991).

A inflação continuou alta durante o governo Frei, mas um importante passo foi dado para a diminuição do déficit primário com a expropriação de 51% da participação nas minas de cobre imposta às empresas antes controladas majoritariamente por conglomerados norte-americanos. Aliado à estatização das minas, uma modesta reforma agrária tomou forma, o que modernizou a agricultura chilena, assim como uma política de seguidas minidesvalorizações foi adotada para proteger o peso chileno e as exportações do cobre que ganharam força no governo de Frei.

Posterior ao governo Frei, Salvador Allende assumiu o poder (1970-1973). Allende chegou ao poder com um direcionamento político bastante claro ao socialismo, onde as principais indústrias foram estatizadas. Vale destacar que o governo tomou o controle integral das mineradoras de cobre. Em 1976, durante o governo de Pinochet, estas mineradoras seriam unificadas sob o controle da Corporación Nacional del Cobre de Chile (CODELCO), uma empresa estatal.

O principal programa macroeconômico do período se baseava na ideia que o setor industrial manufatureiro possuía altos níveis de capacidade ociosa devido aos monopólios criados na fase de substituição de importações chilena. Com isto, o governo aumentou a participação dos salários de 47,5% para 57,3% na renda entre 1970 e 1972, o que aumentou o poder de compra chileno, conseqüentemente aumentando a demanda e diminuindo a ociosidade industrial (MALDONADO, 2012).

Podemos concluir que o Chile, entre as décadas de 1930 e 1970, passou por um período de proteção à sua indústria, onde o prolongamento de estímulos e barreiras aos produtos importados acabou por gerar uma indústria pouco competitiva, monopolística e com altos níveis de ociosidade. Como consequência de maus investimentos e um período de proteção demasiadamente longo e viciante à indústria doméstica, onde a persistência de barreiras protecionistas desestimulava a evolução da produção, um período de alta inflação instaurou-se no Chile. Isto trouxe altos níveis de incerteza, o que fez a economia chilena crescer a taxas insatisfatórias, como demonstrado no quadro abaixo. Foi a partir do Golpe de Estado de 1973, sob uma nova abordagem econômica liberal e direcionada às exportações, que o Chile criou as bases necessárias para um maior crescimento como veremos a seguir.

Tabela 1 - Comportamento da inflação, PIB e Déficit, 1940 – 1973 no Chile

Período	Taxa de Inflação (% ao ano)	Taxa de crescimento do PIB (% ao ano)	Déficit fiscal (% do PIB)
1940 - 53	18,11	3,84	-0,7
1953 - 58	48,35	2,23	-2,65
1959 - 64	27,13	4,33	-4,57
1965 -70	27,32	5,07	-2,53
1971 -73	295,9	1,2	-11,5

Fonte: Velasco (1994, p. 381).

3.2 O Período de Rápido Crescimento

Em 11 de setembro de 1973 ocorreu no Chile um golpe de Estado que colocou Augusto Pinochet no poder. Assim como em outros países sul americanos, o golpe foi apoiado pelos Estados Unidos que temiam a difusão de ideias comunistas. Pinochet permanece no poder até 1990 e seu governo conduziu o Chile por uma profunda reforma econômica. Ao longo do governo Pinochet, o Chile transformou-se de uma economia isolada, com forte intervenção governamental para uma economia aberta ao comércio internacional.

O governo de Pinochet pode ser dividido em duas fases. A primeira fase, de 1973 a 1982, quando as primeiras reformas foram implantadas, apresentou um crescimento econômico instável, com uma média de crescimento real do PIB de 1,7% a.a. Isto se deve ao choque que foi aplicado à economia e à possibilidade que a economia necessite de algum tempo para os agentes ajustarem-se. A “primeira fase” termina em 1982, com a crise da dívida externa que se abateu nos países latino americanos, com a declaração de moratória mexicana. Já a “segunda fase”, entre 1983 e 1990, é um período de recuperação econômica e de consolidação do sistema de mercado livre (EDWARDS e EDWARDS, 1994). Na segunda fase, considerada como o Milagre Chileno, o crescimento econômico é bastante estável, com uma taxa média de 5,6% a.a.

De acordo com Maldonado (2012, p.180):

Entre 1975 e 1983, as primeiras reformas instituídas foram as seguintes: abolição dos controles de preços; liberalização das importações; privatização dos bancos e desregulamentação do sistema financeiro; privatização de empresas estatais tradicionais; retorno de empresas e terras expropriadas durante o governo Allende; liberalização do mercado de trabalho e supressão de direitos sindicais dos trabalhadores; reforma tributária, que corrigia algumas distorções e, principalmente, que reduzia a participação dos impostos diretos e das alíquotas progressivas.

É importante destacar que as minas de cobre não foram privatizadas e continuaram sob o comando governamental, já que eram de suma significância para a receita do governo⁷.

⁷ Apesar de esta não ser uma medida que possa ser caracterizada como Neoliberal, o presente estudo trabalha com a ideia de que o fator central do Neoliberalismo é a abertura ao comércio externo, como posto anteriormente na nota de rodapé da pág. 11.

Os primeiros anos do governo de Pinochet foram marcados por uma clara mudança na política econômica chilena. Um enxugamento do setor público e abertura do mercado externo sinalizavam a necessidade de ajuste do sistema produtivo chileno, que se tornara ineficiente nos governos anteriores. Para tanto, o principal instrumento a ser utilizado pelo governo seriam as forças de ajuste do mercado livre. Os principais objetivos do governo Pinochet eram uma alta e sustentável taxa de crescimento e a erradicação da pobreza extrema (HACHETTE, 1991).

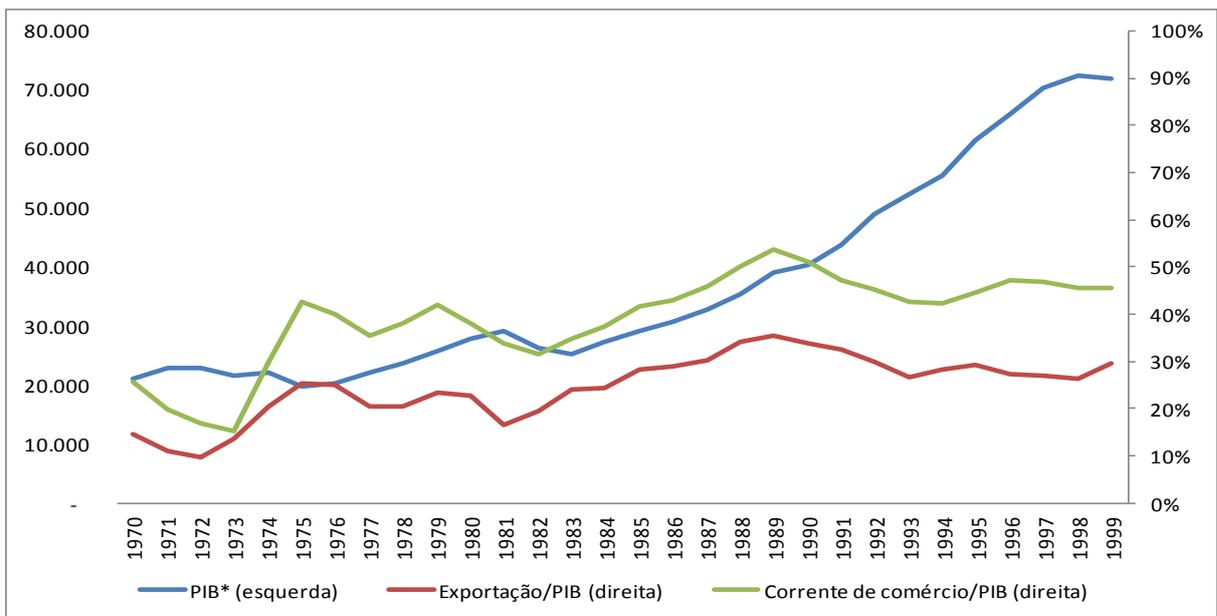
As convicções de abertura econômica da economia chilena foram fortemente influenciadas pelos chamados “Chicago Boys”. Com o golpe de Estado que deu o poder do governo ao general Pinochet em 1973, um grupo de aproximadamente 30 jovens chilenos, que haviam estudado em universidades norte-americanas durante os anos 50, recebeu importantes cargos políticos (BARRO, 1999). Estes chilenos formados nos Estados Unidos passaram a aconselhar o governo nas décadas de 70 e 80. Com estes defensores das ideias de liberalismo econômico de Milton Friedman, o Chile passou a retirar barreiras protecionistas e aumentar o comércio internacional.

Uma das principais medidas tomadas foi a redução e padronização das tarifas cobradas às importações. Desta forma, tarifas que em 1972 variavam de 5% a 750% sob o valor do produto importado, foram padronizadas em 10% em 1979. Esta importante mudança na cobrança tarifária foi feita de forma gradual em três fases, para o mercado ter tempo de absorver as mudanças. Segundo Hachete, na primeira fase, que foi de 1974 a 1975, a tarifa máxima, de 750%, foi reduzida para 120% e a tarifa comum foi de 105% para 57%. Na segunda fase, as bandas foram ajustadas de modo que a menor tarifa seria de 10% e a maior de 35%. Na terceira fase todas as tarifas foram padronizadas em 10%, com exceção aos automóveis, que tiveram isenção total de tarifas.

Esta redução tarifária refletiu-se em um crescimento do índice de importações (relação Importações/PIB). Para a balança comercial não tornar-se muito deficitária, a taxa cambial foi fortemente desvalorizada de modo a estimular as exportações chilenas, especialmente as exportações provindas das minas de cobre, que desde o governo Allende haviam sido inteiramente estatizadas. A taxa de câmbio foi fortemente desvalorizada entre 1975 e 1979, o que estimulou as exportações no Chile. Neste período, a taxa média de exportações como parte do PIB foi de 23%, comparado a uma média de 13,89% entre os anos de 1970-1974 (DATA...,2013b). Podemos afirmar que os dois primeiros anos do governo Pinochet criaram

um cenário onde o comércio internacional cresceu a taxas aceleradas, como podemos ver no Gráfico abaixo.

Gráfico 6 - Evolução do comércio internacional e PIB no Chile



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial (Valores do PIB em milhões de dólares, constantes de 2000), (DATA..., 2013n,b,j).

Os primeiros dois anos do governo Pinochet foram marcados por um elevado aumento na abertura do comércio internacional, onde tanto o volume de importações quanto o volume de exportações tiveram um elevado aumento. Podemos atribuir o aumento das importações à redução de tarifas e à simplificação dos impostos, assim como podemos atribuir o aumento das exportações à desvalorização cambial efetivada pelo governo no período. Entre 1975 e 1981 a participação das exportações e da corrente do comércio sob o PIB se reduziram em um período de turbulência do comércio internacional, para crescerem de forma constante até 1989 e se estabilizarem na faixa de 28% do PIB e 45% do PIB, respectivamente.

Em 1979 o governo adotou um regime de câmbio fixo, com o peso bastante valorizado. Esta decisão se deu em função de o cenário econômico da época ser de alta liquidez mundial com grande circulação de capitais, e devido ao fato que o Chile apresentava grandes oportunidades de retorno a Investimentos Estrangeiros Diretos, uma vez que uma onda de privatizações ocorreu nos primeiros anos do governo Pinochet. Como consequência

desta entrada de capitais estrangeiros o Chile cresceu a taxas bastante elevadas entre 1979 e 1981, com uma taxa média de crescimento de 7,2% a.a. Porém, em 1982 com a Crise Mexicana, houve uma maciça fuga de capitais dos países sul americanos que apresentavam sintomas semelhantes aos apresentados pelo México, como: câmbio sobrevalorizado, déficit da balança comercial e alto endividamento externo.

Com isto uma forte crise abateu-se sobre o Chile, e em 1982 a economia sofreu uma queda de 10,37% em seu produto interno. Durante os anos de 1982 e 1983 muitos bancos que haviam sido privatizados na década anterior voltaram ao controle do governo, para evitar um colapso do sistema financeiro chileno. Aliado a uma taxa de câmbio fixa e uma regulamentação bancária imprudente, o sistema bancário chileno sofreu um forte impacto durante a crise de 82, com muitas instituições financeiras tendo de ser estatizadas para sobreviver. Posteriormente estas instituições foram novamente privatizadas (MALDONADO, 2012). Porém, a crise trouxe consigo as condições para que em 1986 uma nova regulamentação bancária fosse aprovada, tornando as instituições chilenas muito mais seguras e sólidas.

Com a grande saída de capital externo em 1982 e 1983, muitas empresas privadas encontraram-se em uma situação muito complicada, com um mercado em retração e com grandes dívidas em moeda estrangeira. Para evitar um colapso econômico, o Banco Central chileno estatizou parte da dívida privada e providenciou a rolagem de prazos de pagamento junto ao FMI (EDWARDS; EDWARDS, 1994). Com a saída da crise no ano de 1984, quando o crescimento foi de 7,97%, pode-se notar uma mudança na política econômica chilena. A principal diretriz ainda era a de uma orientação econômica baseada no mercado livre. Porém, o controle de variáveis macroeconômicas por parte do governo começou a fazer-se mais presente. Dentre elas destaca-se o controle da taxa cambial, que entre 1982 e 1989 teve uma desvalorização de aproximadamente 90%, trazendo maior poder ao setor exportador chileno, que foi o grande responsável pela saída chilena da crise da dívida externa.

Foi a partir da crise da dívida externa em 1982 que o Chile ganhou destaque por sua rápida e sustentada recuperação. Entre os anos de 1984 e 2000, o Chile apresentou uma média anual de crescimento real de seu produto interno de 6,67%. Isto se deu em grande parte devido ao crescimento das exportações chilenas, que cresceram com a abertura comercial do país durante os primeiros anos do governo Pinochet. O setor do cobre continuou como o mais importante setor exportador.

Após a crise da dívida externa em 1982 e 1983, o setor exportador teve um papel fundamental para a recuperação econômica andina. A pauta exportadora do Chile manteve-se fortemente baseada em produtos primários. O cobre manteve-se como o principal produto exportado na pauta, mas outros setores como o pesqueiro, florestal e agrícola ganharam importância. Isto pode ser explicado pelo fato de o Chile apresentar vantagens comparativas nestes segmentos, que são, respectivamente: maiores reservas de cobre do mundo, grande exposição ao Pacífico, terras férteis e clima adequado ao sul do país.

O setor mineiro é peça fundamental à economia chilena, uma vez que desde as estatizações ocorridas no governo Allende as receitas destinadas ao governo por este setor terem sido muito significativas. Durante a primeira metade da década de 1950, 30% das receitas do governo provinham do setor de exploração de cobre. Já em 1989 o setor mineiro era responsável por 25% da arrecadação do governo (MELLER, 2003). Podemos observar na tabela 2 que a partir de 1970 o peso do cobre sobre a pauta exportadora chilena diminuiu. Sua participação foi diluída com o crescimento dos setores pesqueiro, florestal e agro industrial.

Tabela 2 - Importância do Cobre nas exportações chilenas

Ano	Exportações Cobre	Exportações Total	Part. Cobre
1960	321,5	469,7	68,4%
1965	428,5	684,2	62,6%
1970	839,8	1.111,9	75,5%
1975	890,4	1.590,0	56,0%
1980	2.152,5	4.705,0	45,7%
1985	1.760,0	3.804,1	46,3%
1990	3.849,6	8.372,7	46,0%
1995	6.392,1	16.024,2	39,9%
1999	5.888,5	15.615,6	37,5%

Fonte: Meller. P, 2003. Valores em milhões de dólares.

O Chile é hoje o maior produtor de cobre do mundo, e possui a maior reserva mundial deste minério. O país possui reservas equivalentes a 190 bilhões de toneladas do metal vermelho, o que representa 28% das reservas mundiais. Esta reserva garante ao Chile a extração do cobre pelos próximos 100 anos com as taxas de extração de 2012 (Jamasmie, C. 2012). A Codelco, a maior produtora de cobre do mundo, era responsável por 85% da

produção chilena de cobre em 1980 (MUSSA; CARVALHO, 2005). Em 1991, sua participação era de 60% (EDWARDS; EDWARDS, 1994). Já em 2000 sua participação caiu para 33% (MUSSA; CARVALHO, 2005). Isto se explica pela entrada de empresas privadas no setor, seguindo a linha de pensamento de diminuição da participação direta do Estado na produção.

Em 2006 o Cobre atingiu seu maior preço histórico (USD 8.000/tonelada). Esta trajetória de alta ajudou a economia chilena durante os anos 2000, que cresceu a uma taxa média de 4% a.a. Com a crise de 2008, o preço da *commodity* sofreu uma forte queda, mas recuperou-se rapidamente. Hoje a China é a maior consumidora de cobre no mundo, representando 22% do consumo mundial. É de se esperar que o consumo chinês se mantenha alto nas próximas décadas devido ao rápido crescimento asiático e ao aumento da população em áreas urbanas.

O cobre, apesar de ainda ser fator chave para a economia chilena, perdeu importância na pauta exportadora, em função do crescimento dos setores pesqueiro e florestal. Estes setores cresceram bastante devido às vantagens comparativas apresentadas pelo Chile. Sendo o país mais estreito do mundo, o Chile tem uma grande costa litorânea para o Pacífico. A pesca voltada à exportação cresceu rapidamente a partir do final da década de 1970. No ano de 1970, 1,2 milhões de toneladas eram pescados. Em 1991 eram 6 milhões de toneladas. Em 1983 o Chile era o quinto país com maior volume de pesca e o líder em exportação (EDWARDS; EDWARDS, 1994). Hoje o Chile é um importante agente no mercado mundial de produção de carne de salmão em cativeiro, com as exportações respondendo por 4% das exportações totais do país, em 2005 (MUSSA; CARVALHO, 2005).

Já o setor florestal, a partir de 1975, desenvolveu-se com estímulos governamentais, o que se caracterizou como uma das exceções do governo liberal (além de intervir no mercado cambial e manter as minas de cobre estatizadas), por optar intervir diretamente no setor com subsídios, isenção de impostos de propriedade e dedução de até 50% dos impostos sob os lucros originados da exploração florestal. O setor, já na década de 70, era constituído por poucas grandes empresas, o que ocorre até hoje. Em 2005 a exportação de madeira, móveis e celulose representava 10% das exportações chilenas (MUSSA; CARVALHO, 2005), sendo assim o segundo setor exportador mais representativo da economia local. Atualmente o amparo do Estado ao setor é pequeno.

Em 1990, Pinochet saiu do poder após 17 anos à frente da política do país. A partir de então o partido político Concertación mostrou-se soberano, elegendo sucessivamente: Patricio Aylwin (1990-1993), Eduardo Frei-Ruiz (1994-1999), Ricardo Lagos (2000-2006), e Michelle Bachelet (2006-2010). O governo, a partir dos anos 90, criou programas sociais visando melhorar a distribuição da renda, visto que com a liberalização econômica e as privatizações ocorridas no período Pinochet a desigualdade da renda acentuou-se no país andino. O partido continuou as políticas liberais iniciadas no Governo Pinochet e fortaleceu-as com a entrada em blocos de cooperação econômica e parcerias bilaterais. Foi também fortalecida a meta de superávits primários para proteger a economia de momentos de recessão, especialmente devido ao fato de o Chile depender do setor exportador de commodities, que podem apresentar alta volatilidade em períodos de turbulência econômica.

Durante os anos 90 o Chile só não assinou mais tratados de comércio que o México (GREGÓRIO, 2004). O Chile possui hoje importantes acordos comerciais, dos quais vale destacar o acordo de comércio bilateral livre com os Estados Unidos e sua participação na Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC). Com isto o Chile procura facilitar a venda de suas exportações, baseadas em *commodities*, assim como a entrada de importações.

Devido à política com viés liberal, o Chile é hoje destino de um alto volume de Investimento Estrangeiro Direto, com os acordos de comércio facilitando este processo. O sistema financeiro, que foi privatizado no período Pinochet, é hoje um dos mais fortes e integrados ao setor financeiro mundial de acordo com o Índice de Força do Sistema Financeiro medido pelo Moodys. Além disto, o Chile é o 33º colocado no ranking “fazendo negócios” do Banco Mundial, assim sendo o melhor colocado da América do Sul. O índice leva em conta fatores como facilidade para abrir um negócio, pagamento de impostos, registro de propriedade, resolução de insolvência, entre outros.

Podemos concluir que o Chile é um país onde há historicamente grande importância na exportação de commodities. Primeiramente no período da pós-independência até a I Guerra mundial com o nitrato, e posteriormente com a exportação de cobre. Por ser um país rico nestes recursos naturais, a adoção de políticas liberais com base nas vantagens comparativas fez com que a indústria extrativista chilena sempre desempenhasse um papel fundamental em sua economia. A abertura comercial e a busca por novos parceiros comerciais reflete a vantagem comparativa chilena da extração de recursos naturais.

Devido à grande abertura econômica, não só as exportações de primários cresceram com também as importações de bens de consumo final. Entre 1974 e 2007 a indústria de transformação chilena passou de um peso no PIB de 30% para 13,9% (MALDONADO, 2012). O aumento das exportações chilenas levou o país a um crescimento acelerado a partir da crise de 1982, com uma média de crescimento econômico de 6,7% a.a entre 1984 e 2000. A renda per capita saltou de U\$ 5.295 em 1970 para U\$ 6.478 em 1990 e para U\$ 15.403 em 2012 (valores em PPC, a preços constantes de 2005), (DATA..., 2013d).

O peso do cobre diminuiu a partir da evolução de outros setores primários, diversificando a pauta e dando mais segurança à economia do país, que não é mais refém das oscilações desta *commodity*. Hoje o Chile é líder em importantes medidas de desempenho econômico e bem-estar na América Latina, tais como: maior renda per capita, melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a menor percepção de corrupção.

4 Comparação entre o período de rápido crescimento sul coreano e chileno

O período de comparação entre a Coreia do Sul e o Chile leva em conta o rápido crescimento das duas nações, já apontados anteriormente. Na Coreia do Sul o período é de 1960 a 1990, e no Chile de 1970 a 2000. Coincidentemente, ambas as economias foram governadas por ditadores dentro deste período: Park Chung-hee na Coreia do Sul, de 1961 a 1979, e Augusto Pinochet no Chile, de 1973 a 1990. Isto pode explicar parcialmente como ambos os países conseguiram manter de forma concisa o direcionamento econômico desejado por tanto tempo, sem grandes mudanças.

Ambos os ditadores procuravam um forte e sustentável crescimento econômico, e os dois o fizeram através de um direcionamento econômico focado nas exportações. Isto se explica pelo fato de os dois países terem uma região geográfica bastante limitada e uma pequena população. Isto se reflete em um pequeno mercado doméstico e na necessidade de conquistar mercados externos para ganhos de escala. Mesmo que o principal foco fosse o mesmo para ambos os ditadores, o crescimento econômico baseado no aumento das exportações, o método utilizado foi bastante diferente.

Como vimos anteriormente, a Coreia do Sul buscou não só o aumento das exportações, mas a qualificação dos produtos exportados. Podemos ver isto claramente ao longo dos planos industriais lançados pelo governo sul coreano, onde os incentivos governamentais se organizavam de forma a estimular a constante evolução da produção sul coreana. Aliado a isto, devemos entender o cenário no qual a economia sul coreana coloca-se no mercado mundial. Situada em uma região com poucos recursos naturais, a evolução produtiva podia dar-se de forma intensa somente na indústria manufatureira. O que o governo fez foi direcionar recursos de forma inteligente a grandes grupos (*chaebols*), que teriam condições de competição no mercado internacional. Para tanto, incentivos foram dados com a imposição de metas para constante aprimoramento da produção.

Já o Chile vivenciou uma transformação mais abrupta. Quando Pinochet tomou o poder em 1973 o Chile era uma economia fechada, que vinha de um baixo crescimento após o período de substituição de importações. O novo governo optou por uma quebra de paradigma e novo direcionamento econômico, com altos graus de liberdade, onde o mercado seria o principal determinante de escolha dos agentes. Isto fez com que a economia chilena tivesse um crescimento bastante instável nos primeiros anos desta nova diretriz. Assim, em 1975 o

produto recuou 11,36%. De 1976 a 1981 a economia recuperou-se à taxa média de 6,9% a.a, para ser novamente abalada em 1982 com a crise da dívida externa que instalou-se na América do Sul. É a partir da saída da crise de 1982 que a economia chilena cresce de forma sustentável e passa a ser vista, posteriormente, como modelo de crescimento para países sul-americanos. A pauta exportadora é relativamente diversificada e a forte dependência das exportações de cobre, é diluída pelo crescimento de outros setores, também de produtos primários, que apresentavam vantagens comparativas.

Podemos ter uma visualização mais clara da diferença entre a exportação sul coreana e chilena quando comparamos a concentração de suas pautas. Como posto anteriormente, desde a chegada de Park ao poder na coreia do sul e de Pinochet no Chile, a principal diretriz econômica foi a exportação de manufaturados pelo lado sul coreano e de commodities pelo lado chileno. Estas viés dado pelos dois ditadores foi mantido até os dias e se traduz nos resultados atuais das duas nações, como podemos notar abaixo:

Tabela 3 - Pauta exportadora Chile e Coreia do Sul em 2012

CHILE	Part. %	COREIA DO SUL	Part. %
Principais grupos		Principais grupos	
Produtos Agrícolas	24.2	Produtos Agrícolas	2.3
Combustíveis e produtos minerais	60.4	Combustíveis e produtos minerais	12.6
Manufaturados	13.3	Manufaturados	84.4
Principais destinos		Principais destinos	
1. China	23.3	1. China	24.5
2. União Européia	15.3	2. Estados Unidos	10.7
3. Estados Unidos	12.3	3. União Européia	9.1
4. Japão	10.7	4. Japão	7.1
5. Coreia do Sul	5.8	5. Hong Kong, China	5.9

Fonte: OMC, 2013.

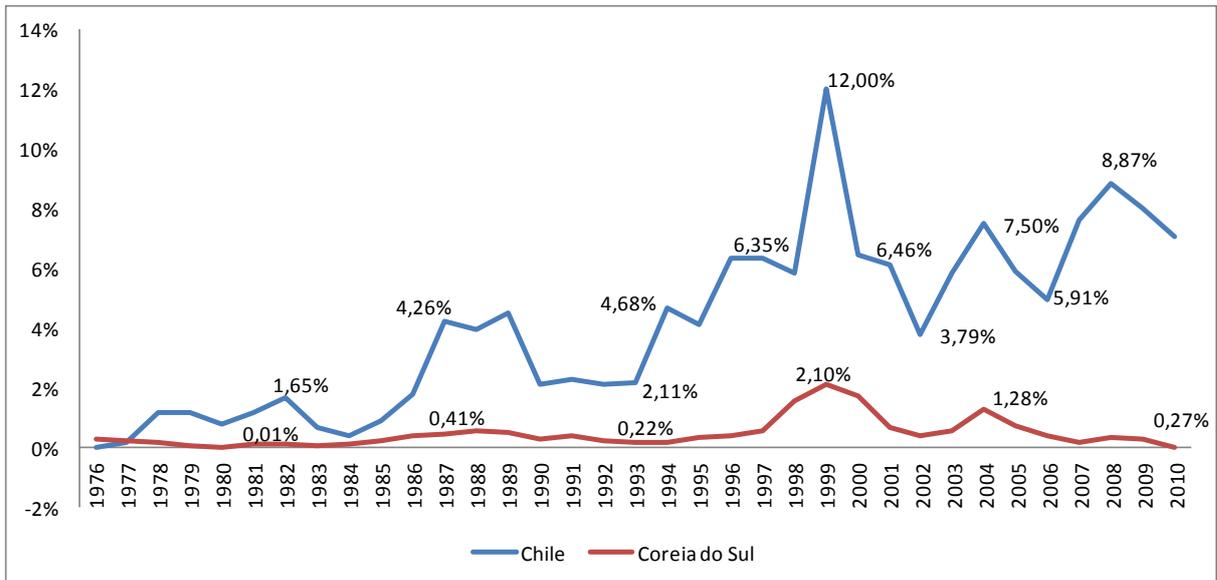
Podemos observar a grande dominância de combustíveis e produtos minerais na pauta chilena, assim como a presença ainda mais acentuada de manufaturados na pauta sul coreana. Em 2011 as exportações representaram 38% do PIB chileno e 56% do PIB sul coreano. Como

já discutido, isto ocorre devido ao tamanho de seus mercados domésticos e à necessidade de ganho de mercados externos para ganhos de escala.

No Chile o problema de falta de mercado interno é ainda mais acentuado que na Coreia do Sul. Enquanto a população sul coreana passou de 25 milhões, em 1960, para 42,9 milhões em 1990, a população chilena passou de 9,5 milhões em 1970 para 15,4 milhões em 2000. O Chile, historicamente um exportador de commodities, viu a importância do nitrato diminuir após a II Guerra Mundial e aumentou a importância do cobre, que foi posteriormente diluída pela exportação de madeira, pescado e produtos agro industriais. Já a Coreia do Sul, pela falta de recursos naturais e pelo contexto histórico em que se inserira desde a colonização japonesa no início do século XX, investiu de forma pesada para desenvolver a indústria de transformação do país. A diferença na metodologia de abertura do mercado das duas nações trouxe resultados bastante distintos.

A escolha chilena por uma via liberal levou o governo a uma fase de privatizações ao longo do período de Pinochet. Entre 1975 e 1989 o governo Pinochet privatizou 160 corporações e 16 bancos. Devido à pressão do FMI para o governo chileno chegar à superávits primários, empresas foram vendidas abaixo do preço de mercado, levando a uma fase acelerada de privatizações. A receita das vendas teve um efeito positivo entre os anos de 1986 e 1988, quando se desfrutou de superávits primários. Porém, como muitas empresas vendidas eram lucrativas aos cofres do governo, importantes receitas foram perdidas (COLLINS; LEAR, 1991). Este posicionamento estava de acordo com a diretriz liberal do governo, que defendia a redução da intervenção do Estado na produção nacional.

Além das privatizações, o governo chileno tratou de abrir seu mercado para a entrada de capitais estrangeiros. Na ideia de liberação do mercado para que os agentes o autorregulem, um alto volume de recursos estrangeiros entrou no Chile. Desta forma o governo visava um aumento do investimento na produção chilena de forma liberal. Podemos ver claramente como as diferentes políticas econômicas adotadas pelo Chile e pela Coreia do Sul se refletem na taxa de IED. Do lado chileno a entrada de capitais estrangeiros é facilitada e encorajada para estimular a produção. Já pelo lado sul coreano a grande presença do Estado no processo de tomada de decisão inibe a entrada de IED no país, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 7 - Investimento Estrangeiro Direto como parte do PIB

Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial. (DATA..., 2013c).

O período de privatizações não teve efeito somente sobre o Investimento Estrangeiro Direto no Chile. A fase de privatizações também trouxe um aumento na concentração da renda, uma vez que as aquisições foram feitas por preços abaixo do valor de mercado por indivíduos e conglomerados já em boa condição financeira. Pelo fato de a produção exportadora chilena ser fortemente pautada em produtos primários, um intenso investimento na educação também não se fez necessário, o que fez o hiato entre a população mais rica e a mais pobre crescer. Importantes investimentos em programas sociais foram realizados ao longo do governo Concertación para diminuir a má distribuição de renda.

Já o ocorrido na Coreia do Sul foi bastante diferente. Pela escassez de recursos naturais e a necessidade de maior inserção no mercado internacional para ganhos de escala, a Coreia do Sul tinha como opção clara o investimento na indústria de transformação. Assim um constante investimento voltado para a evolução da produção se fazia necessário. Com uma política econômica de forte direcionamento do Estado, os recursos vindos do exterior eram centralizados no governo e não nas empresas e indústrias como ocorria no Chile. O governo transferia os recursos estrangeiros adquiridos então para os grandes conglomerados e cobrava metas de produção dos mesmos. Desta forma, a produção sul coreana se mantinha centralizada sob o controle do Estado. Diferentemente do Chile, esta canalização de recursos aos grandes conglomerados não gerou uma grande concentração da renda, uma vez que a

produção sul coreana necessitava mão de obra qualificada e o alto grau educacional agiu de forma a garantir uma boa distribuição da renda.

Se de um lado a abertura econômica chilena atraiu capital estrangeiro na forma de Investimento Estrangeiro Direto, o direcionamento e fomento do Estado pelo lado sul coreano para a indústria de transformação refletiu-se em uma elevada taxa de investimento como parte do PIB. Como podemos ver abaixo a taxa de investimento na economia sul coreana acelerou-se e manteve-se em um patamar elevado de forma mais consistente que a chilena. No eixo “x” do gráfico abaixo sobrepõe-se os 30 anos considerados como de rápido crescimento para ambas as economias. A evolução sul coreana leva em conta o período entre 1960 e 1990 e a economia chilena o período entre 1970 e 2000. A metade inferior da legenda no eixo “x” refere-se à Coreia do Sul e a metade superior ao Chile.

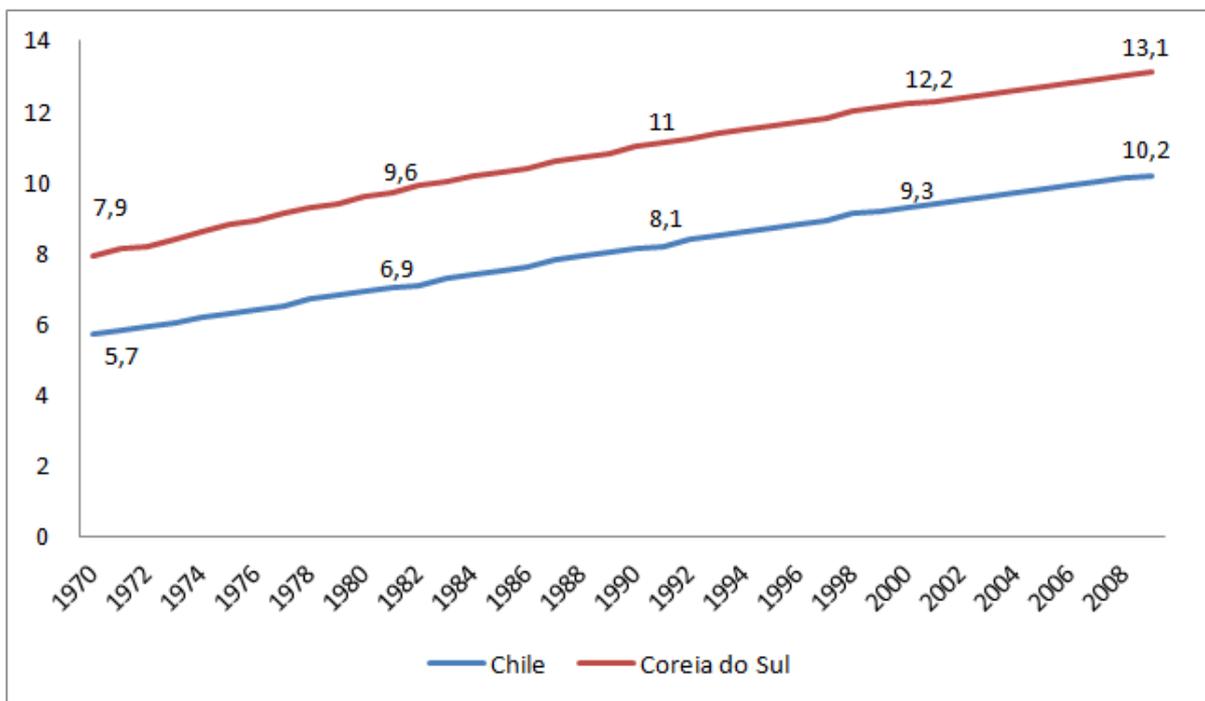
Gráfico 8 - Comparativo da taxa de investimento, como percentual do PIB, entre Coreia do Sul e Chile



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial. (DATA..., 2013g).

Uma vez que a Coreia do Sul especializou-se na indústria de transformação intensiva em tecnologia, o investimento em educação para a contínua evolução da produção foi vital. Desta forma o investimento em educação na Coreia do Sul aumentou consideravelmente durante o governo Park. Entre 1963 e 2005 o gasto do governo sul coreano com educação aumentou em mais de 29 vezes em termos reais. Abaixo podemos observar um comparativo entre a média de anos de estudo entre homens de mais de 25 anos na Coreia do Sul e no Chile entre os anos de 1970 e 2000

Gráfico 9 - Anos de estudo de homens com mais de 25 anos



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Institute for Health Metrics and Evaluation, (DATA..., 2013i).

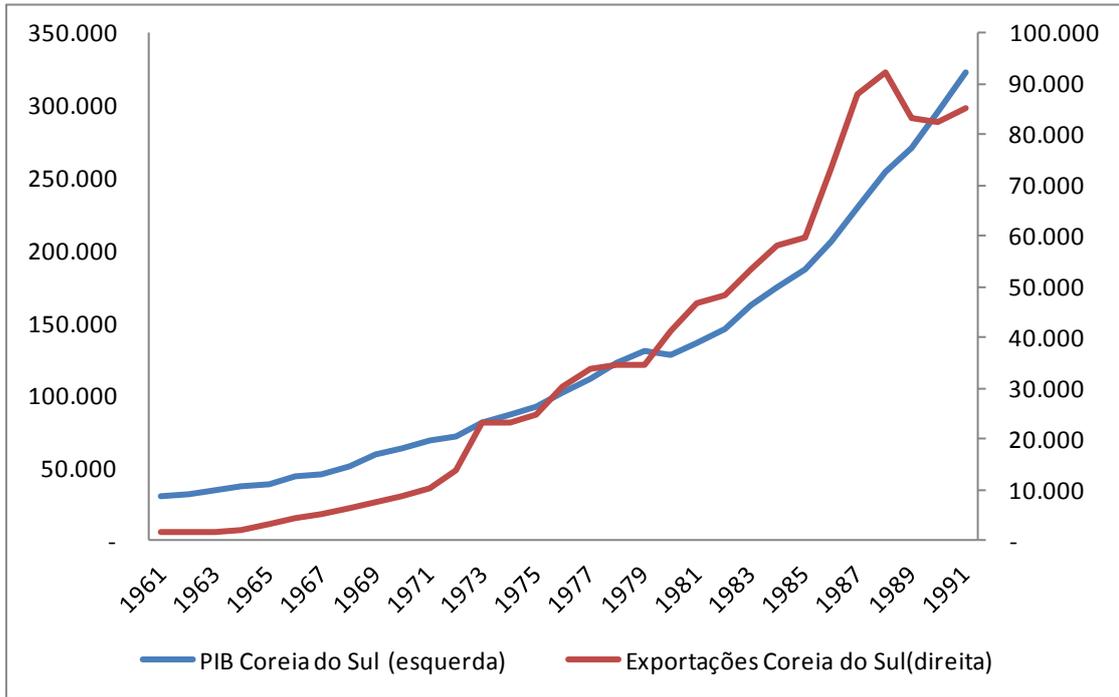
Como podemos notar, historicamente a Coreia do Sul apresenta níveis mais elevados de educação do que o Chile. Como a produção sul coreana é voltada ao setor manufatureiro intenso em tecnologia, que é um setor muito dinâmico, há uma busca constante por inovações para aumento da margem de lucro. Isto exige uma mão de obra altamente qualificada, o que indica a razão para a Coreia do Sul ter sido em 2009 o sexto país com mais anos de estudo para homens com mais de 25 anos e o segundo país quando considerada a faixa de homens entre 25 e 34 anos, atrás apenas do Canadá, (DATA..., 2013h).

Este alto investimento em educação propiciou à Coreia do Sul uma população com um elevado nível de ensino e uma mão de obra bastante homogênea. Isto acabou por garantir uma boa distribuição de renda. Em termos comparativos, em 1998 os 20% mais ricos da Coreia do Sul detinham 38% da renda do país; enquanto no Chile, neste mesmo ano, os 20% mais ricos possuíam 60% da renda do país, (DATA..., 2013e).

Um indicador que deixa bastante claro a diferença produtiva entre Coreia do Sul e Chile é o número de patentes concedidas. Como posto anteriormente, a produção sul coreana precisa estar em constante evolução e em constante busca por inovações. Isso exige um alto investimento em educação, o que não é o caso chileno, que se baseia primeiramente na exportação de produtos primários. Em 1999 a Coreia do Sul teve 62.635 patentes concedidas, enquanto o Chile teve 418, (DATA..., 2013k).

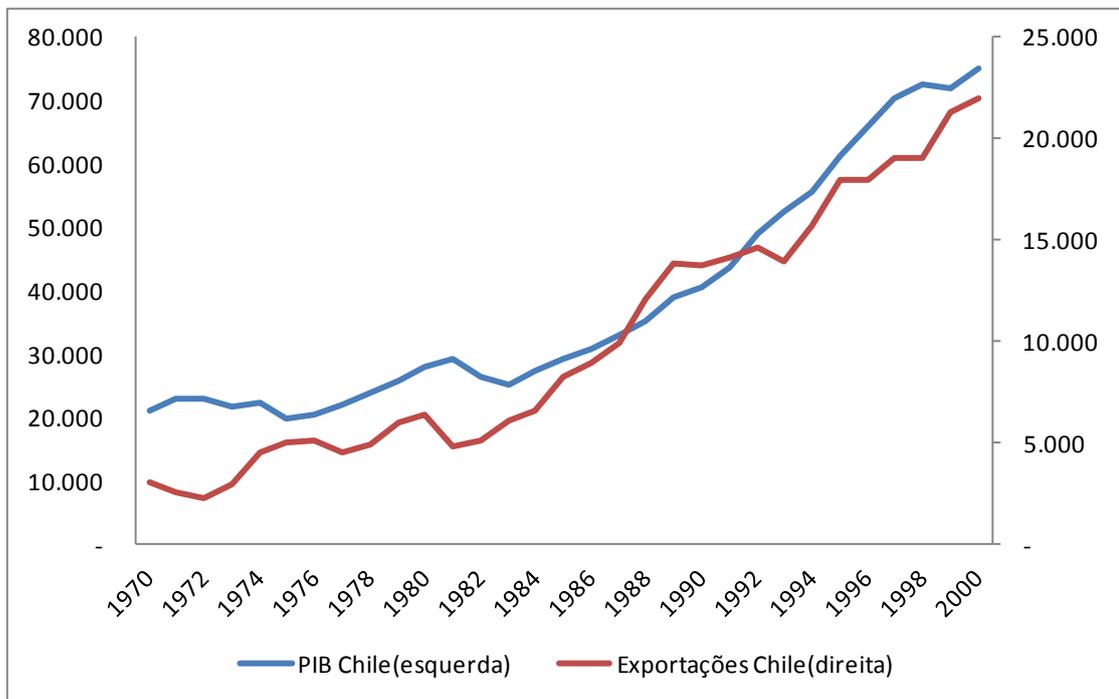
Mesmo com todas as diferenças apontadas acima, as duas nações se assemelham quando observamos a importância das exportações para o crescimento do PIB. Como podemos ver abaixo, o crescimento, de ambas as nações, está diretamente correlacionado ao aumento de suas exportações.

Gráfico 10 - Evolução das exportações e do PIB sul coreano



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial (Valores em milhões de dólares, constantes de 2000), (DATA..., 2013n,b).

Gráfico 11 - Evolução das exportações e do PIB chileno



Fonte: elaborado pelo autor baseado em dados do Banco Mundial (Valores em milhões de dólares, constantes de 2000), (DATA..., 2013n,b).

Como podemos notar, ambas as economias tiveram um aumento expressivo das exportações durante seus respectivos períodos postos em destaque. As exportações sul coreanas saltaram de 5,3% em 1960 para 27,8% em 1990. Já as exportações chilenas foram de 14,6% em 1970 para 29,3% em 2000. Ambas as economias tiveram um elevado crescimento econômico nos períodos apontados, mas o crescimento sul coreano se mostra bastante superior ao chileno. Enquanto a taxa média de crescimento no Chile foi de 4,42% a.a entre 1970 e 2000 a taxa média de crescimento na Coreia do Sul foi de 8,14% a.a entre 1961 e 1991.

Assim, a Coreia do Sul apresentou resultados mais satisfatórios que o Chile durante os períodos levados em consideração. Não só o seu crescimento econômico foi superior ao chileno como outras variáveis apresentaram melhores resultados, como nível de educação, distribuição da renda e taxa de investimento. O índice de Desenvolvimento Humano reflete bem como a Coreia do Sul desenvolveu-se mais que o Chile. Enquanto o Chile passou de um IDH de 0,63 em 1980 para 0,75 em 2000, a Coreia do Sul passou de 0,63 em 1980 para 0,83 em 2000 (o IDH varia de 0 a 1), (UNDP, 2012). O Estado sul coreano parece ter sido muito efetivo no direcionamento de recursos financeiros ao setor produtivo e com os esforços para aumentar o nível educacional da população. Isto gerou uma base para um crescimento econômico sustentável, com uma equilibrada distribuição de renda. Hoje a Coreia do Sul é a décima quinta maior economia do mundo.

Já o Chile passou por um choque dado à economia com uma rápida abertura econômica, privatizações, e colocação do agente privado como principal tomador de decisão econômica. O país também gozou de um rápido crescimento econômico onde o mercado tomou conta de desenvolver os setores com vantagens comparativas. A distribuição de renda permaneceu bastante desequilibrada durante o período, mas o país conquistou índices bastante satisfatórios com relação à diminuição da população pobre a partir da década de 1980, onde a população com renda inferior a USD 2,00/dia foi reduzida de 19%, em 1987, para 2,7% em 2009, (DATA..., 2013m). Hoje o Chile é a trigésima oitava maior economia do mundo e suas exportações representam 0,43% das exportações mundiais.

Atualmente ambas as nações fazem parte da Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD), que é uma organização de 34 países fundada em 1961 para estimular o crescimento econômico e o comércio internacional. A Coreia do Sul ingressou no

grupo em 1996, enquanto o Chile é membro desde 2010, sendo o único país Sul Americano a fazer parte da organização.

5 Conclusão

O presente trabalho teve como principal objetivo discorrer sobre as diferentes abordagens de abertura econômica entre a Coreia do Sul e o Chile. A escolha destes dois países se deu por ambos serem apontados como casos de sucesso, por atingirem altas taxas de crescimento macroeconômico, com suas respectivas aberturas econômicas. Com diferentes abordagens as duas nações abriram suas economias e fizeram do setor exportador o motor da economia. Pelo lado sul coreano esta abertura se deu de forma gradual, com um claro fomento e direcionamento do Estado à indústria de transformação; já o Chile abriu seu mercado indiscriminadamente a partir dos anos 1970 e viu o setor exportador de bens primários ganhar importância.

Ambas as nações tiveram ditadores como protagonistas durante seus respectivos períodos de rápido crescimento. Buscou-se mostrar que as medidas tomadas em seus governos deram força ao direcionamento estatal pelo lado sul coreano e para o movimento liberal pelo lado chileno. Além disto, buscou-se apresentar a razão pela qual as duas nações abriram suas economias, através de respectivas contextualizações históricas, onde se discorreu sobre o período de Substituição de Importações no Chile e o período de colonização nipônica na Coreia.

O trabalho contemplou desde a evolução dos graus de abertura das duas nações, através da evolução do volume de exportações e corrente do comércio, até a discussão das principais causas e consequências destas mudanças, como investimento em educação, direcionamento de capitais, distribuição da renda, políticas fiscais e taxas de investimento. Pôde-se observar que as linhas de pensamento econômico seguidas pelas duas economias foram distintas, mas ambas chegaram a bons resultados quando analisamos o crescimento do Produto Interno Bruto. Apesar de as duas economias terem apresentado um período de acelerado crescimento, a Coreia do Sul teve resultados mais satisfatórios quando analisamos tanto o crescimento econômico como as outras variáveis apontadas acima.

Para o presente estudo a abordagem intervencionista de direcionamento econômico do Estado se mostrou mais efetiva, pois parece ordenar e organizar a produção de forma mais eficaz que os agentes individuais. Porém, não podemos afirmar que a abordagem intervencionista é definitivamente superior à liberal, uma vez que temos de considerar as nações de forma individual e inseridas em diferentes cenários e contextos históricos.

Apresentar a abertura econômica como única variável determinante ao crescimento do Chile e da Coreia do Sul seria um erro. O que o trabalho procurou sugerir foi uma possível correlação entre as variáveis de abertura econômica e crescimento econômico no caso de economias pequenas.

REFERÊNCIAS

- ANGEL, A, Chile since 1958. In: BETHELL, L. **Latin America Since 1930: Spanish South America**. New York: Cambridge University Press, 1991.
- BARRO, R. **Determinants of economic growth: implications of the global evidence for Chile**. Santiago, 1999. Disponível em: <<http://www.economia.puc.cl/docs/107barra.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2013.
- CHANG, H. **Bad Samaritans: the myth of free trade and the secret history of capitalism**, Nova York: Bloomsbury Press, 2008.
- CHANG, H. **Kicking away the ladder: development strategy in historical perspective**. Nova York: Stylus Pub Llc, 2002.
- COLLINS, J; LEAR, J. **Chile's Privatization Experience**. [S.l.], 1991, disponível em: <<http://www.multinationalmonitor.org/hyper/issues/1991/05/collins.html>>, acesso em 29 out. 2013.
- COLUMBIA UNIVERSITY. **Key points in developments in East Asia: 20th century**. Columbia, 2012. disponível em: <http://afe.easia.columbia.edu/main_pop/kpct/index.html#kp5>, acesso em 25 ago. 2013.
- DATA in Gapminder World: Aid received (% of GNI): Estocolmo: Gapminder, 2013a. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- DATA in Gapminder World: Exports (% of GDP): Estocolmo: Gapminder, 2013b. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 01 nov. 2013.
- DATA in Gapminder World: Foreign direct investment, net inflows (% of GDP): Estocolmo: Gapminder, 2013c. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 10 out. 2013.
- DATA in Gapminder World: Income per person (GDP/capita, PPP\$ inflation-adjusted): Estocolmo: Gapminder, 2013d. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 10 maio 2013.
- DATA in Gapminder World: Income share of richest 20%: Estocolmo: Gapminder, 2013e. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 05 set. 2013.
- DATA in Gapminder World: Industry (% of GDP): Estocolmo: Gapminder, 2013f. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 17 jun. 2013.
- DATA in Gapminder World: Investments (% of GDP): Estocolmo: Gapminder, 2013g. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 11 ago. 2013.

DATA in Gapminder World: Mean years in school (men 25 to 34 years): Estocolmo: Gapminder, 2013h. Dados cedidos pelo Institute for Health Metrics and Evaluation. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

DATA in Gapminder World: Mean years in school (men 25 years and older): Estocolmo: Gapminder, 2013i. Dados cedidos pelo Institute for Health Metrics and Evaluation. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

DATA in Gapminder World: Merchandise trade (% of GDP): Estocolmo: Gapminder, 2013j. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

DATA in Gapminder World: Patents granted (total): Estocolmo: Gapminder, 2013k. Dados cedidos pela UN Statistics Division. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 12 out. 2013.

DATA in Gapminder World: Population Total: Estocolmo: Gapminder, 2013l. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

DATA in Gapminder World: Poverty (% people below \$2 a day): Estocolmo: Gapminder, 2013m. Dados cedidos pela UN Statistics Division. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

DATA in Gapminder World: Total GDP (US\$, inflation-adjusted): Estocolmo: Gapminder, 2013n. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

DATA in Gapminder World: Urban population (% of total): Estocolmo: Gapminder, 2013o. Dados cedidos pelo Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.gapminder.org/data/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

DOLAN. E **How Intelligent Budget Rules Help Chile Prosper**: Lessons for the US. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://www.economonitor.com/dolanecon/2011/07/24/how-intelligent-budget-rules-help-chile-prosper-lessons-for-the-us/>>, acesso em 19 maio 2013.

EDWARDS, S; EDWARDS, A. The economy. In: HUDSON, A. **Chile** : a country study. Washington. Federal Research Division; Library of Congress, 1994.

KOREAN WAR. **Enciclopédia britânica**, Londres, 2013. Disponível em <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/322419/Korean-War>>, acesso em 17 set. 2013.

GIMBEL, J **The origins of the Marshall plan**. Califórnia: Stanford University Press, 1976.

GORDON, B. **Greater east Asia co-prosperity sphere**. [S.l.], 2000. Disponível em <<http://www.bill-gordon.net/papers/coprosp.htm>>, acesso em 18 maio 2013.

GREGÓRIO, J. **Economic growth in Chile**: evidence, sources and prospects, Santiago, 2004. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/INTCHILEINSPANISH/Resources/Economic_Growth_Chile.pdf>, acesso em 17 maio 2013.

HACHETTE, D Chile: trade liberalization since 1974. In SHEPHERD, G; LANGONI, C; **Trade Reform**, lessons from eight countries. Califórnia: ICS, 1991.

JAMASMIE, C. **Chile the largest copper producer and the country with the biggest reserves** — USGS. [S.l], 2012. Disponível em: <<http://www.mining.com/chile-the-largest-copper-producer-and-the-country-with-the-biggest-reserves-usgs/>>, acesso em 19 out 2013.

KRUGMAN, P. **The return of depression economics and the crisis of 2008**. Nova York: W. W. Norton & Company New York London, 2008.

MALDONADO FILHO, E; Chile – desempenho econômico e comércio internacional. In: DATHEIN, R. **Parceiros estratégicos para a inserção internacional do Brasil**. Porto Alegre, 2012.

METRAUX, D. The Economy; In SAVADA, A e SHAW, W; **South Korea – A Country Study**. 4º edição; Library of Congress Cataloging-in Publication Data; Washington, 1990.

MILLER, L. **Japanese colonialism in Korea 1910-1945 – A document-based essay exercise**. Disponível em <http://www.koreasociety.org/?option=com_docman&task=doc_view&gid=147>, acesso em 26 ago. 2013.

MUSSA, L; CARVALHO, C. **O desempenho exportador do Chile: um debate em andamento**. Disponível em: <http://www.usp.br/prolam/downloads/2007_1_9.pdf>, acesso em 21 out. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC). **Trade Profiles 2012**. Genebra, 2013. Disponível em: <<http://stat.wto.org/CountryProfile/WSDBCountryPFView.aspx?Language=E&Country=CL, KR>>, acesso em 10 nov. 2013.

PIKE, F. **Empires at war - A short history of modern Asia since world war II**. Nova York: 1. B. Taurius & Co Ltd. 2010.

PILLAY, P. **Linking higher education and economic development**. Cidade do Cabo, 2010.

SAPELLI, C **The political economics of import substitution industrialization**. Santiago; 2003. Disponível em: <http://www.economia.puc.cl/docs/dt_257.pdf>, acesso em 29/09/2013.

SEEKINS, D. The society and its environment. In SAVADA, A e SHAW, W; **South Korea – A Country Study**. 4º edição; Library of Congress Cataloging-in Publication Data; Washington, 1990.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Country Profile 2012**. Genebra, 2013. Disponível em: <<http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/.html>>, acesso em 10 nov. 2013.

VELASCO, A. The state and economic policy: Chile 1952-92. In: BOSWORTH, B; DORNBUSCH, L. R (Ed.). **The Chilean economy: policy lessons and challenges**. Washington: The Brookings Institution Press, 1994.

ZHANG, Y. **Pacific Asia the politics of development**. Londres: Routledge, 2003.

WORDNET. A lexical database for English, Princeton, 2013. Disponível em <<http://wordnet.princeton.edu>>, Acesso em: 04 nov. 2013.